

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

As experiências sociocorporais e a iniciação a docência de licenciados em
Educação Física

Belo Horizonte

Setembro / 2012

Renata Leal Veloso

As experiências sociocorporais e a iniciação a docência de licenciados em
Educação Física

Trabalho apresentado à disciplina TCC II, da
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional UFMG sob a orientação do Prof. Dr.
José Ângelo Gariglio.

Belo Horizonte

Setembro / 2012

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições das experiências sociocorporais no início da docência em Educação Física, compreender a repercussão dessas na prática do professor iniciante e entender qual a relação entre o saber que o professor adquiriu com a vivência de determinada prática em suas aulas. A metodologia escolhida foi o estudo qualitativo. Foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema e como coleta de dados, uma entrevista semi estruturada. O sujeito escolhido foi um professor do sexo masculino, concluiu o curso de licenciatura em Educação Física na UFMG em dezembro de 2009, possui dois anos de docência e significativas experiências sociocorporais. Concluímos que as experiências anteriores à formação inicial dos professores iniciantes de Educação Física influem de forma significativa, podendo ser um instrumento utilizado pelos mesmos no momento da sua atuação. Porém, somente essas experiências não são necessárias para o desenvolvimento de uma aprendizagem completa dos alunos. Os professores iniciantes devem conter um conhecimento sobre a matéria e sobre teorias e conceitos pedagógicos.

Palavras-chave: Educação Física, professor iniciante, experiências sociocorporais

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	5
Introdução.....	5
O professor iniciante em questão.....	8
Metodologia	15
CAPÍTULO 2	18
Análise dos dados: diálogo com os autores.....	18
CAPÍTULO 3	28
Considerações finais	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
APÊNDICE	33
ANEXO.....	35

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

A entrada no curso de Educação Física me fez perceber como podemos mudar nossos conceitos e percepções a respeito da área a partir do percurso que escolhemos traçar durante a graduação. Nos períodos iniciais, ainda com conceitos e valores bastante carregados do senso comum, comecei a observar que a Educação Física me apresentava possibilidades muito maiores do que eu realmente tinha vivido e experimentado enquanto aluna do ensino fundamental e médio. A partir das disciplinas e da organização do currículo do curso, percebi o quanto uma aula pode ser muito mais rica do que eu vivenciei enquanto aluna e como podemos organiza-las a partir de uma variedade mais ampla de conteúdos, sentidos e significados para que nossos alunos possam experimentar diferentes atividades.

Quando nos referimos à Educação Física escolar, muitas vezes limitamos nossos pensamentos a prática exclusiva de esportes, que geralmente são relacionados ao futebol, vôlei, handball e basquete. A minha vivência também foi muito limitada, ficando ainda mais restrita ao handball e ao vôlei durante o ensino fundamental e a aulas de “aeróbica” no ensino médio, onde a professora trazia algumas coreografias, no qual apenas repetíamos os passos, sem conseguir entender o motivo daqueles movimentos.

Essa limitação de possibilidades de vivência com o meu corpo e com o movimento foi minimizada a partir do momento em que procurei, fora da escola, escolinhas e aulas extras de natação, dança de salão, ballet e jazz. Minha experiência com o movimentar, com as diferentes vivências de movimentação corporal foram importantes para o meu desenvolvimento corporal e social. Sempre procurava uma atividade para fazer diferente daquelas que tinha na escola e o que mais me chamava atenção eram as danças. Comecei com a prática bem cedo, fazia apresentações e sempre tive o apoio da família para experimentar os mais diferentes ritmos. Comecei no ballet, influenciada pela

minha mãe, mas depois passei a escolher outras danças que me agradavam mais, como o jazz e a dança do ventre, por exemplo. Fiquei um bom tempo nas aulas de danças e depois, comecei a fazer natação. Permaneci nas aulas durante um ano, sem participar de competições fora da academia onde era matriculada. Decidi sair da natação para voltar a dançar, só que em outra modalidade, a dança de salão. Fiquei por mais de três anos dançando forró e levei comigo meu irmão e alguns primos, e isso enriqueceu ainda mais minha experiência com a dança, porque sempre que tínhamos a oportunidade, nos encontrávamos para dançar ou até mesmo nas festas da família, sempre tinha um espaço para a dança.

Além das atividades citadas, tive a oportunidade de experimentar as mais diversas brincadeiras e jogos junto com minha família. Com trinta e nove primos, e todos com uma relação muito próxima, os dias de festa de família e finais de semana eram um espaço propício para uma infinidade de brincadeiras. A imaginação estava sempre presente e construíamos também nossos brinquedos com frutas, sucatas, galhos secos, pedras... Não havia um dia que a família não se encontrava e não passava um bom tempo brincando. Os pais e tios estavam sempre presentes, compartilhando seus conhecimentos e aprendendo também com o que a gente trazia de novo, além de brincar junto com as crianças. Apesar da limitação nas aulas de Educação Física da escola onde estudei, as minhas experiências e vivências do movimentar-se foram ricas e percebo como elas me auxiliaram durante o curso.

Em algumas disciplinas cursadas durante a graduação, era necessário criar um projeto ou uma unidade didática de determinado conteúdo, além de programar as atividades e ministrar as aulas. Assim, procurava criar um projeto ou uma aula da maneira mais diversificada possível, para que eu pudesse possibilitar aos alunos, uma variedade de conteúdo e uma infinidade de atividades que eles ainda não conheciam ou não haviam vivenciado para ampliar o repertório e os conhecimentos desses alunos em relação à Educação Física. Porém, como ainda não tinha nenhuma experiência como professora, não conhecia o conteúdo de uma maneira a me dar uma tranquilidade em relação ao assunto que eu estava tratando, muitas vezes recorria às minhas experiências anteriores, às práticas corporais que eu vivi enquanto criança. Sempre procurava lembrar de atividades,

brincadeiras e jogos que eu fazia enquanto criança, na escola ou fora dela, para que eu pudesse realizar com os alunos que eu ficaria responsável durante as aulas. O conteúdo novo que eu não conhecia tão bem ou não tinha nenhuma experiência corporal, sempre ficava em segundo plano para que, o conteúdo que eu tinha mais facilidade em ensinar e já tinha vivenciado fosse aquele que eu escolheria para dar a aula.

Na fase final da graduação, pude fazer um estágio no Centro Pedagógico (CP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Programa Segundo Tempo. Este programa tem como objetivo oferecer oficinas de modalidades esportivas para alunos, no caso do CP, do ensino fundamental. Foi a minha primeira experiência como professora e várias dúvidas foram surgindo em relação à prática docente. A diferença entre o que aprendemos enquanto estamos na graduação e o que acontece na prática é muito grande. Não sabia como lidar com a diferença de idade entre os alunos, pois tinha crianças de seis a quinze anos de idade; a falta de experiência em conduzir a aula, organizar a turma, pedir silêncio. Além da questão de organização das minhas turmas, as maiores dúvidas foram em relação aos conteúdos que eu iria ministrar e como fazer isso. Foi muito complicado porque ainda não tinha nada programado, não tinha planejado nenhuma atividade, não conhecia os alunos que estariam comigo, não conhecia a estrutura da escola, os professores. Foi um momento bastante agitado. As dificuldades e inseguranças no início sempre apareciam e eu não sabia como lidar com isso. Foi difícil, por exemplo, saber como planejar minhas aulas para um período tão grande – um semestre – sendo que durante a faculdade a gente sempre planejava unidades didáticas menores. Além do planejamento, eu tive muita dificuldade em adequar as atividades para os alunos que eu fiquei responsável. Como ainda não os conhecia, eu sempre tinha que mudar meu planejamento para conseguir de uma forma ou de outra atingir os objetivos com aqueles alunos e com o conteúdo que me disponibilizei a dar aula.

Com todas as dúvidas, insegurança e dificuldades, sempre retomava às aulas que vivi durante a minha permanência na escola e fora dela, tentando lembrar de alguma situação que eu já tinha experimentado e que de alguma forma poderia dar certo com os alunos que eu era responsável. E além disso, as escolhas que

eu fiz das modalidades que eu daria aula foi prioritariamente as danças e os jogos, brinquedos e brincadeiras.

A partir de então, comecei a questionar sobre esse conhecimento anterior à graduação, que o estudante do curso de Educação Física vivenciou, experimentou e se apropriou antes de entrar no curso e que, se pode de alguma forma influenciar sua prática. Seja como atleta, como um praticante de determinada atividade em escolinhas, clubes, academias, como estudante que vivenciou diferentes aulas de Educação Física ou então como criança que brinca. Seja qual for o conhecimento adquirido, será que o professor iniciante sempre se utilizará destes conteúdos durante sua prática? A experiência com determinado conteúdo realmente traz uma segurança maior ao professor iniciante no momento de ministrar as aulas? Como o professor iniciante deve se organizar e planejar suas aulas em relação aos conteúdos que ele não experimentou ou vivenciou? Quais as dificuldades e/ou facilidades encontradas pelo professor iniciante em relação aos conteúdos já vivenciados e os que ele ainda não vivenciou? Um aprofundamento maior em determinado conteúdo e a segurança de ministrar aulas do mesmo, excluirá das aulas deste professor os outros conteúdos da Educação Física? A vivência mais profunda e longa com um conteúdo específico da EF influencia de forma positiva na prática do professor iniciante?

Muitos são os questionamentos sobre o assunto e vejo esta pesquisa como um instrumento que auxiliará a aprofundar reflexões sobre a formação e os saberes do professor iniciante de Educação Física, os conhecimentos sobre os conteúdos a serem ensinados, as dificuldades e facilidades encontradas assim que começam a trabalhar na escola, as experiências corporais anteriores ao início da carreira docente que podem ou não influenciar na prática do professor.

O professor iniciante em questão

Ao discutirmos a temática de professores iniciantes, atentaremos para aspectos referentes aos conhecimentos de diferentes naturezas que possuem e constroem no período inicial de sua carreira e aos modos como organizam e utilizam tais

conhecimentos nas diferentes situações escolares. Procuramos entender como acontece o processo de ensino/aprendizagem nos primeiros anos de docência, buscando analisar problemas e preocupações específicos dos mesmos, mudanças sofridas pelo professor ao passar de estudante a docente, os momentos de medos e angústias, facilidades e entusiasmo.

Para delimitar e caracterizar quem são estes professores, podemos retomar as fases descritas por Huberman (1993) que analisa o ciclo de vida profissional dos professores, propondo um modelo de fases na carreira profissional, centrado nos anos de experiência docente. O estudo da carreira docente possibilita “a compreensão do percurso de uma pessoa numa determinada organização e a forma como as características dessa pessoa influenciam a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela” (HUBERMAN, 1993). A primeira fase apresentada pelo autor é

Entrada na carreira. Período de sobrevivência e descoberta. O aspecto de sobrevivência tem a ver com o “choque da realidade”, com o embate inicial com a complexidade e a imprevisibilidade que caracterizam a sala de aula, com a discrepância entre os ideais educacionais e a vida cotidiana nas classes de alunos e nas escolas, com a fragmentação do trabalho, com a dificuldade em combinar ensino e gestão de sala de aula, com a falta de materiais didáticos, etc. O elemento de descoberta tem a ver com o entusiasmo do iniciante, com o orgulho de, finalmente, ter sua própria classe, seus alunos, e fazer parte de um corpo profissional. Sobrevivência e descoberta caminham lado a lado no período de entrada na carreira. Para alguns professores, o entusiasmo inicial torna fácil o início na docência; para outros, as dificuldades tornam o período muito difícil. (HUBERMAN, 1993 *apud* NONO, 2005)

Como o autor coloca, o início da carreira docente é uma série de sentimentos e emoções que acabam se confundindo. Ao mesmo tempo que o professor iniciante está entusiasmado e motivado devido à sua nova função, sua nova turma, seu novo emprego em determinada escola, ele também se encontra confuso e cheio de dúvidas em relação ao trabalho que deverá desenvolver com os alunos daquela escola, com a falta de apoio dos pares, com as dificuldades referente à indisciplina dos alunos, falta de material didático e também com a transição da vida de estudante para a vida mais exigente do trabalho. Além disso, o professor iniciante “enfrenta dificuldades para adaptar a imagem ideal que possui sobre sua profissão às carências e contradições que encontra na instituição educativa

concreta em que começa a trabalhar.” (ESTEVE ZARAGOZA, 1999 *apud* NONO, 2005)

Tardif e Raymond (2000) apontam que o confronto com a realidade força os professores novatos a questionar a visão idealista que possuem sobre a profissão docente. Distanciados dos conhecimentos acadêmicos e mergulhados na profissão, passam a reajustar suas expectativas e percepções anteriores. Podemos observar que momentos de entusiasmo seguido de angústia e dificuldades podem fazer com que o docente no início da sua carreira, faça uma revisão de seus ideais pedagógicos a partir da solicitação da prática.

Podemos notar professores iniciantes que destacam uma imagem negativa que construíram sobre os anos iniciais de seu percurso profissional, resultante de situações de isolamento, da falta de condições de trabalho e de apoio pedagógico, da dificuldade de adaptação pessoal e profissional, da insegurança e do despreparo, da ausência de comunicação entre os próprios colegas de profissão e do apoio na busca de solução para problemas da rotina escolar. Mas ao mesmo tempo, nos deparamos também com docentes que não desistiram de investir na sua carreira, enfrentando os “obstáculos”, demonstrando entusiasmo, expectativa de mudanças e uma constante busca por novas informações. Apesar das dificuldades enfrentadas no início da carreira tentam permanecer nela e realizar um bom trabalho.

O professor iniciante precisa encontrar na escola um espaço para o diálogo, em que possa conversar sobre seu trabalho, suas escolhas e opções sobre os métodos de ensino que utiliza e também sobre as dificuldades que enfrenta. Assim, com o passar do tempo, conforme evolui na carreira docente e enfrenta os acontecimentos que marcam sua trajetória nas escolas onde atua e nas classes de alunos em que leciona, grande parte dos professores iniciantes desenvolve maior segurança e domínio sobre seu trabalho cotidiano e sobre as situações em que transcorre, passando a sentir-se mais confortável diante das exigências da profissão e da tarefa de ensinar (TARDIF, RAYMOND, 2000).

Se pensarmos no professor de Educação Física que está iniciando sua carreira, devemos pensar também no conhecimento que este deverá possuir para

promover a aprendizagem dos seus alunos. Ou seja, devemos pensar no que um professor necessita para ser professor. De acordo com Mizukami (2004):

A base de conhecimento para o ensino consiste de um corpo de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessárias para que o professor possa propiciar processos de ensinar e de aprender, em diferentes áreas de conhecimento, níveis, contextos e modalidades de ensino. Essa base envolve conhecimentos de diferentes naturezas, todos necessários e indispensáveis para a atuação profissional. É mais limitada em cursos de formação inicial, e se torna mais aprofundada, diversificada e flexível a partir da experiência profissional refletida e objetivada. Não é fixa e imutável. Implica construção contínua, já que muito ainda está para ser descoberto, inventado, criado.

O professor necessita de uma carga de conhecimentos que conduza seus trabalhos e facilite o processo de aprendizagem dos seus alunos. Esses conhecimentos são os mais diversos, indo desde aqueles que o professor construiu durante toda a sua vida, passando pelos adquiridos no curso de formação inicial e contando também com as reflexões sobre sua prática e a formação continuada. Shulman (1987) *apud* Mizukami (2004) coloca que o professor precisa de uma base de conhecimentos que vai abranger tanto os pedagógicos, quanto os da matéria, criando um modelo sobre o que os professores precisam para conduzir suas aulas, qual conteúdo utilizar e como utilizar. Esses foram agrupados e categorizados como: conhecimento do conteúdo específico – são aqueles que o professor ensina e que devem ser utilizados de forma a promover o ensino e a aprendizagem dos alunos de uma maneira satisfatória, passando pelo embasamento que o professor deve ter sobre a matéria e a forma como ele vai transmiti-la aos alunos de acordo com as características dos mesmos; conhecimento pedagógico geral – “transcende uma área específica. Inclui conhecimentos e princípios relacionados a processos de ensinar e aprender” (MIZUKAMI, 2004); e conhecimento pedagógico do conteúdo – tudo aquilo que o professor utiliza sobre como ensinar a matéria, como os alunos irão aprender e quais as técnicas mais apropriadas para isso. Percebe-se que além do conhecimento da matéria, o professor precisa levar consigo outros saberes que vão lhe auxiliar no momento das suas aulas e permitir que os alunos aprendam uma maneira mais completa, organizada e bem estruturada. Outro modelo apresentado por Shulman (1987) é o modelo do raciocínio pedagógico

que “retrata como os conhecimentos são acionados, relacionados e construídos durante o processo de ensinar e aprender”. Trata-se de um modelo que coloca para o professor a importância da compreensão da matéria, da eleição dos conteúdos que ele aprendeu e de como vai ensinar, da avaliação do processo juntamente com a reflexão sobre sua prática, o que aconteceu em sua aula, o que precisa mudar, se atendeu aos objetivos propostos, quais as dificuldades enfrentadas e finalmente de uma nova compreensão que possibilita ao professor compreender novas formas de aprendizagens.

Os saberes que os professores mobilizam e empregam em sua prática são de diferentes naturezas, estando relacionados com a história de vida dos mesmos, com as aprendizagens anteriores à formação inicial e também com o que se aprende durante a carreira docente. Esses saberes são atribuídos a

um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, saber-fazer e de saber-ser. (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Eles não estão limitados ao que o professor aprendeu durante sua formação inicial, ele é plural e muitas vezes estão relacionados com a sua prática cotidiana. Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar vem a partir da sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto aluno, criando uma bagagem de conhecimentos, valores, crenças e representações sobre a prática cotidiana. “O saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros autores educativos, dos lugares de formação etc.” (TARDIF; RAYMOND, 2000). A partir disso, percebemos que os professores interiorizam uma quantidade de conhecimentos durante a sua vida, principalmente no período escolar e levam consigo competências e valores que muitas vezes não foram adquiridos no curso de formação inicial, mas sim na sua caminhada até o início da docência. São diversos fatores que influenciam na construção desta bagagem de conhecimento, como a família, amigos, atividades extras e escolas, e que acabam influenciando na construção da identidade do professor e também na sua prática cotidiana.

Um dos fatores significativos da construção dos saberes dos professores enquanto sua história de vida e a socialização durante esse tempo são as experiências sociocorporais. Experiências sociocorporais, de acordo com Figueiredo (2004) são as experiências sociais relacionadas com as atividades corporais dos alunos e que podem ou não agir no processo de formação, valorização e escolhas de diferentes aspectos curriculares, incluindo a relação com o saber. Como sabemos, o curso de Educação Física possui muitos alunos que são ou foram atletas, possuem uma trajetória expressiva com esportes, danças, ginásticas, entre outros. Ou seja, muitos dos que ingressam no curso já tiveram uma experiência corporal ampla e muitas vezes carregam conceitos e valores adquiridos durante essa vivência. Para além dos atletas, existem também estudantes que tiveram experiências como alunos de escolinhas de esportes, clubes, academias de ginástica, danças e de aulas de Educação Física escolar. Durante o tempo em que participam dessas atividades, os alunos acabam incorporando valores, conceitos e habilidades que podem muitas vezes influenciar no processo de formação inicial e continuada desse professor, servindo como um filtro, de acordo com Figueiredo (2004):

a experiência social do aluno, construída durante sua trajetória, dentro e fora da escola, modela o perfil da formação inicial. Queremos dizer que o aluno, com base nas experiências sociais (assumidas, nesse estudo, como as vivências proporcionadas pelas interações e experiências corporais e valores a ela atribuídos) realizam ações, interações, hierarquizações, escolhas e sobretudo, filtra o conhecimento acadêmico que lhe interessa no *locus* da dinâmica curricular.

Além de servir como um filtro para a escolha da trajetória que o aluno irá realizar durante a graduação, as experiências sociocorporais são saberes que os professores foram construindo ao longo do tempo, desde sua iniciação quando criança ou adolescente, incorporando valores, habilidades e conceitos e que podem de alguma maneira influenciar na sua prática enquanto professor iniciante. Isso pode acontecer porque as expectativas dos alunos por determinadas disciplinas, que eles já tenham vivenciado anteriormente ou não, acaba influenciando no percurso desse aluno podendo causar uma formação que se especialize em determinados conteúdos e fique pendente em outros. De acordo com a autora citada anteriormente, existe uma relação direta entre as

experiências anteriores dos alunos e de suas escolhas, valorizações e caminhos percorridos na formação e que estas experiências levam a mudanças significativas nos objetivos definidos para a formação inicial na proposta do curso de Educação Física.

Analisando todos esses fatores em relação às experiências sociocorporais dos alunos de graduação em Educação Física, juntamente com as questões dos conhecimentos e saberes acumulados e utilizados pelos professores iniciantes, busco nesta pesquisa analisar as contribuições das experiências sociocorporais no início da docência em Educação Física, compreender a repercussão dessas experiências na prática do professor iniciante e finalmente entender qual a relação entre o saber que o professor adquiriu com a vivência de determinada prática e suas aulas.

Esta é uma pesquisa que auxiliará na compreensão de como os professores iniciantes tratam os conteúdos da Educação Física em suas aulas, sobre suas dificuldades e facilidades com determinadas práticas e de que meios eles se utilizam para facilitar o seu trabalho em relação aos conteúdos que ele não tem tanto conhecimento ou tanta habilidade. Este é um questionamento novo, inédito na área e por isso é importante ser trabalhado e discutido pela área acadêmica para que possamos melhorar nossos trabalhos em relação aos professores iniciantes e auxiliar na produção de conhecimento sobre este assunto.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos um estudo qualitativo sobre professores iniciantes de Educação Física que tiveram uma experiência expressiva com alguma prática corporal antes do início da carreira docente. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica sobre os conhecimentos e saberes do professor, sobre professores iniciantes, sobre professores de Educação Física iniciantes e sobre a influência de experiências sociocorporais no processo de formação docente em Educação Física. Além da leitura, foi realizada uma entrevista com um professor escolhido para responder sobre o assunto uma vez que ele atendia às características esperadas para a pesquisa.

Ao contrário do que ocorre com as pesquisas tradicionais, a escolha do campo onde serão escolhidos os dados, bem como dos participantes é proposital, isto é, o pesquisador os escolhe em função das questões de interesse do estudo e também das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos. No que se refere aos participantes, nem sempre é possível indicar no projeto quantos e quais serão os sujeitos envolvidos, embora seja possível indicar alguns, bem como a forma pela qual se pretende selecionar os demais. (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 2004, p.162)

Como a autora coloca, a escolha do sujeito para a pesquisa foi de fundamental importância, uma vez que o professor a ser entrevistado precisava atender às características delimitadas para a pesquisa. Foi necessário um professor, iniciante e que tenha tido uma experiência expressiva com alguma atividade sistematizada (esportes, ginásticas, danças, lutas, entre outros) que seja anterior à sua carreira de professor.

Huberman (1995) propõe um modelo de fases na carreira profissional, centrado nos anos de experiência docente e não na idade. Para o autor o desenvolvimento de uma carreira é um processo que para alguns pode ser linear, mas para outros, há momentos de altos e baixos. A carreira docente caracteriza-se por diferentes fases que constituem o ciclo de vida profissional dos professores. As fases propostas pelo autor são as seguintes: *exploração*, entrada na carreira (1-3 anos); *estabilização*, consolidação de um repertório pedagógico (4-5 anos); *diversificação/questionamento* (7-25 anos); *conservantismo*, serenidade, distanciamento afetivo (25-35 anos); *desinvestimento*, sereno ou amargo (35-40

anos). Entendemos então, de acordo com o autor, que o sujeito da pesquisa deveria estar na fase de “exploração, entrada na carreira” que consiste em um período de um a três anos de docência. Sendo assim, podemos chamar o sujeito de professor iniciante.

A escolha do nosso sujeito de pesquisa não foi fácil, uma vez que não são todos os professores iniciantes que tiveram uma experiência significativa com alguma prática corporal sistematizada. Por isso, decidimos escolher quatro pessoas para realizar a entrevista. Como havia muita dificuldade para encontrar esses professores, diminuimos o número de entrevistados para dois e foi feita a entrevista com ambos. Após as entrevistas, percebemos que apenas um professor se encaixava no perfil que estávamos procurando e decidimos então que não seria necessário realizar mais entrevistas dado a riqueza dos dados coletados. Isso não foi um problema, porque apesar do curto período para o desenvolvimento da pesquisa, a entrevista com o professor selecionado foi extremamente rica e cheia de detalhes, cobrindo todos os requisitos necessários e definidos anteriormente.

O sujeito escolhido foi um professor do sexo masculino, de vinte e sete anos de idade. Ele concluiu o curso de Educação Física na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG no segundo semestre de 2009. Ele tem dois anos de docência e atua nos ensinos fundamental e médio.

Suas experiências sociocorporais foram bastante significativas, uma vez que ele praticou natação por quatorze anos, passando por diferentes academias e clubes. Praticou também durante três anos futsal e depois, basquete por um ano e meio. Além destas vivências anteriores à graduação, o professor escolhido também teve uma vivência muito significativa com algumas modalidades durante a sua formação inicial, através das disciplinas curriculares, como a dança contemporânea e também a capoeira.

Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semi estruturada, onde foi criado um roteiro de entrevista, mas o entrevistado poderia discutir sobre o assunto de uma maneira mais ampla, contando com detalhes sobre suas experiências. A entrevista foi escolhida porque

(...) permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através dos questionários, explorando-os em profundidade. A entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados (...). De um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processo ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana. (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 168).

Sendo assim, a entrevista possibilitou, a partir do relato de sua trajetória de vida, observarmos aspectos relacionados com sua vida escolar e também sua infância e adolescência a partir das experiências sociocorporais vividas neste período. Buscou-se também, dados sobre sua inserção no curso de licenciatura em Educação Física, sobre as dificuldades e facilidades do início da carreira docente e por último, questões sobre a influência das experiências corporais na prática.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo volta-se para interpretar e compreender melhor as experiências sociocorporais do sujeito da pesquisa construídas anteriormente à formação inicial e também durante a graduação. Focaremos para o tempo, os saberes adquiridos e a expressividade da vivência das práticas, assim como as escolhas de determinadas práticas corporais e a relação com os saberes das mesmas. Durante a interpretação realizada no decorrer do trabalho, foram se configurando categorias de análise que tornaram possibilidades de temas onde pudesse realizar um diálogo com os autores estudados.

A partir da entrevista, muitos aspectos encontrados na fala do professor entrevistado estavam relacionados com os saberes do professor anterior e durante a graduação, que de alguma forma marcou a vida do entrevistado e influenciou na construção dos seus conhecimentos sobre determinada prática, a partir da execução da mesma.

“(...) a primeira coisa que eu fiz mais sistematizado foi quando minha mãe me colocou na natação, eu tinha três anos se não me engano e comecei a nadar. Eu fiz durante 14 anos, (...)”

“Eu fiz futsal quando eu tinha uns seis anos, eu fiz durante uns três anos. Depois voltei a fazer um pouco mais velho, quando tinha uns treze anos, fora jogar bola na rua, que também é uma escola de futebol se a gente for pensar.”

“E fiz basquete também, foram as três coisas que eu fiz, o basquete eu fiz por menos tempo, eu fiz aproximadamente um ano e meio, quando eu tinha de treze pra quinze anos.”

A influência de determinadas práticas anteriores à formação influenciarem na escolha da profissão e também na prática docente está presente em muitas falas do entrevistado e percebe-se que as experiências tanto positivas quanto negativas na escola, durante o ensino fundamental e médio e também uma

experiência negativa durante o ensino superior, acumularam para que o professor percorresse a trajetória escolhida, não por acaso, mas por vários fatores que durante sua vida influenciaram na escolha da profissão:

“Eu gostava das aulas de Educação Física na escola, gostava de futebol. E essa nova perspectiva do futebol como elemento cultural e a Educação Física como um conteúdo mesmo possível de ser trabalhado na escola com toda essa diversidade pra muito além desses esportes básicos que em geral a gente vê ou via na Educação Física na escola, foi algo que me encantou de maneira tremenda.”

“Eu saí meio que decidido a tentar Educação Física. Não só pelo que o Tarcísio falou, mas porque eu tinha um sonho de mexer com futebol. Sempre fui apaixonado por futebol, cruzeirense e tal. Minha família, meu tio foi jogador de futebol e depois treinador. Muitos meninos, dentre eu, sonha em ser jogador de futebol, mas aí você vê que não dá. Você sonha em ser goleiro de futebol, não dá. Então vou ser treinador de futebol, Educação Física é um bom lugar.”

Além da experiência configurar alguns indicadores para a escolha da profissão e também a para a construção da prática docente, ampliando os saberes e os conhecimentos do professor, nota-se que a influência da família e do lugar onde o sujeito está inserido também se relaciona com a ideia de que

os saberes não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas etc), nos quais eles constroem, em interação com os outros sua identidade pessoal e social (TARDIFF e RAYMOND, 2000).

A partir da fala do entrevistado, percebemos que vários foram os fatores que influenciaram na construção dos saberes relacionados a determinada prática, no caso o futebol, tal como o ser torcedor, como ser membro de uma família que teve alguém com a experiência de ser jogador e treinador, pela paixão pelo futebol e também pela frustração de não ter conseguido algum tipo de êxito como jogador ou goleiro do esporte.

Os saberes construídos durante a graduação foram considerados pelo entrevistado como conhecimentos que vão muito além das disciplinas do currículo do curso. A participação em projeto e grupos de estudos e a experiência com

atividades que ele ainda não conhecia ampliou o universo de possibilidades em relação aos movimentar-se humano.

“E começou um amor pelo futebol e pela cultura que me leva até hoje. O GEFUT faz seis anos esse ano e eu tenho seis anos de GEFUT. Estudando várias coisas, participei de várias pesquisas, foi a minha segunda formação aqui dentro da faculdade. Teve a formação das disciplinas, que a gente faz nos nossos caminhos, mas o GEFUT foi o segundo lugar de formação e uma possibilidade inclusive de trabalho, seja no meio acadêmico, seja em outras possibilidades, políticas públicas”.

“Nesse sentido, umas das coisas que mais me encantou aqui na faculdade como experiência corporal foram as danças. Acaba que nas disciplinas aqui, até com estudos teóricos, oficinas de movimentos mais elementares e confesso com um envolvimento meu acima do esperado, eu realmente me empolguei, tanto que eu virei monitor de disciplina de dança, entrei no grupo de dança experimental (...)”

“Então assim, a faculdade com toda sua diversidade, me trouxe, ampliou demais o meu olhar e as possibilidades do meu corpo de fazer de maneira que hoje eu tenho certeza absoluta que eu sou um professor muito mais preparado, muito mais aberto pra lidar com isso numa sala de aula.”

Tardiff e Raymond (2000) afirmam que os saberes não se reduzem a um sistema cognitivo, é muito mais do que isso.

Os fundamentos do ensino são, a um só tempo, existenciais, sociais e pragmáticos. São existenciais, no sentido de que um professor “não pensa com a cabeça”, mas “com a vida”, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastro de certezas. Em suma, ele pensa a partir de sua história de vida não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal

Como os autores colocam, os saberes são classificados como existenciais porque eles são construídos, resignificados e acumulados a partir da vivência com diferentes atores sociais, espaços e tempos e isso faz com que o conhecimento se amplie com o passar do tempo, podendo ser reconstruído e resignificado de acordo com novas possibilidades que aparecerem.

“A gente é um pouco de tudo aquilo que a gente encontrou pelo caminho.”

Em outra fala, o entrevistado coloca a importância da vivência das práticas pelo professor para criar uma maior legitimidade com o conteúdo e com os alunos.

“Você trabalhar com seus alunos algo que você mesmo conseguiu vivenciar com seu corpo, não que você não possa fazer isso sem ter vivenciado, a gente é formado pra trabalhar com todos os conteúdos mesmo que a gente não tenha sido atleta de nada. Mas eu acho que isso traz uma legitimidade para os alunos e sua própria relação com eles, que é muito mais bacana com algo que você não praticou, não domina de maneira tão intensa. O que não impede você de tentar de maneira nenhuma e eu acho que você tem a obrigação de tentar.”

A vivência do sujeito da pesquisa com o torcer e também com a busca de conhecimento através de diferentes meios, fez com que ele ampliasse seus conhecimentos sobre determinados conteúdos que ele não teve a possibilidade de experimentar corporalmente.

“Ser torcedor de alguma coisa gera em você uma identidade com aquilo e o fato de assistir também te gera uma série de conhecimentos que por mais que você não esteja, isso é questionável o que eu vou falar mas enfim, praticando mesmo corporalmente aquele esporte, isso gera uma série de relações.”

“Eu adorava acompanhar, adoro até hoje, muito esportes. E isso gera um movimento também de querer conhecer mais das regras, participar de alguns desses esportes, coisa que acaba refletindo na nossa prática também.”

O entrevistado deixa claro a importância, para ele, de experimentar e vivenciar diferentes práticas que ele utilizará em suas aulas. Ou seja, além de praticar uma atividade por prazer ou qualquer outro motivo que seja, ele pensa na possibilidade de experimentar em seu próprio corpo tudo aquilo que os seus alunos poderão sentir enquanto estiverem realizando determinada atividade. Para ele, a formação continuada do professor de Educação Física vai muito além das pesquisas, grupos de estudos, debates e discussões teóricas. Fica explícito a importância dada à vivência de diferentes práticas como um processo de construção dos saberes do professor.

“E aí, nesse processo de formação continuada, eu busco não só estar por dentro da academia e ler livros, artigos, conversar com pessoas da área, mas também busco todo ano fazer pelo menos uma coisa diferente. É uma coisa que pra mim é uma busca, para além da formação acadêmica continuada, acho que o professor de Educação Física tem a obrigação de tentar continuamente, colocar o seu corpo em novas situações, em novas experiências, pra poder estar cada dia mais qualificado pra trabalhar isso.”

Para além dos saberes construídos através da experiência e acumulados durante a sua trajetória de vida, é necessário que o professor tenha uma base de conhecimentos que vão desde os conhecimentos do conteúdo específico, conhecimento pedagógico geral e conhecimento pedagógico do conteúdo (SHULMAN, 1986). Mesmo que o professor tenha uma bagagem significativa de determinado conteúdo, ele pode encontrar dificuldades para ensinar para seus alunos e isso fica claro em alguns momentos da entrevista que, apesar de um grande conhecimento da matéria e uma vivência significativa com o conteúdo, o professor encontra dificuldades a partir das “concepções e pré-concepções que estudantes de diferentes idades e repertórios trazem para as situações de aprendizagem” (SHULMAN, 1986)

“E dialogar com esses dois grupos numa só aula é extremamente difícil. Tentando construir algo de novo, trazer os conhecimentos que eles têm ou até que eles acham que tem, com os conhecimentos que eu mesmo construí ao longo da minha vida e chegar em um novo conhecimento construído com eles, muitas vezes por mais que eu tenha ficado três anos experimentando um milhão de metodologias, muitas delas com sucesso, tem hora que é difícil...”

“Coisas que eu vivi e os meninos viveram: gera um atrito porque rola aquela questão “eu também sei disso”, “se você não sabe eu sei”, “eu faço isso”. Mas é um processo muito rico e o futebol entra nisso, o basquete em vários casos também. Mas é uma aula difícil, é uma aula tensa, uma aula que tem que ser muito negociada. Em geral, gera divisões na turma, porque cada um tem uma experiência... Todos tem experiência com o futebol em geral, mesmo que a

experiência seja a falta de experiência por trauma, mas todos eles têm alguma coisa”.

Apesar de ter um domínio do conteúdo significativo, o professor encontra dificuldades para dialogar com seus alunos com o objetivo de reconstruir junto com eles, novos pensamentos e conhecimentos sobre determinado assunto. Essa dificuldade é encontrada quando os alunos já trazem ideias e pensamentos que eles incorporaram durante suas próprias vivências e que se torna um obstáculo para o professor.

“O desafio é confrontar esses dois conhecimentos, o que o professor traz e o que os alunos trazem e eventualmente o que a gente vai pesquisar juntos em outro lugar, enfim, buscar em outras fontes pra construção e ampliação de algo novo, de algo diferente que vai surgir disso tudo.”

E mesmo com os conhecimentos da matéria e os conhecimentos pedagógicos geral e específico, além de ter vivido corporalmente a prática do futebol, por exemplo, o professor precisa encontrar meios para desconstruir concepções e valores trazidos pelos alunos e tentar dialogar com eles, permitindo um novo olhar sobre a prática e ampliando o conhecimento dos alunos a respeito da prática.

“(...) aula de futebol, é o módulo que eu to nesse momento, é a aula mais difícil de dar. Por mais que seja uma coisa que eu sou mais apaixonado, mais preparado pra dar, teoricamente, porque eu fiquei seis anos inteiros aqui estudando sobre isso, fora a minha própria experiência corporal com o esporte, mas é a aula mais difícil de dar. Porque todo mundo acha que sabe ou todo mundo tem trauma com o futebol.”

Mesmo que o professor encontre dificuldades em lidar com algumas questões que aparecem no seu cotidiano escolar, o domínio do conteúdo a ser trabalhado facilita no momento da prática docente “Steinberg, Haymore e Marks, 1985 *apud* Marcelo Garcia, 1992 apontam que, dentre os professores principiantes, um maior domínio do conteúdo gera um ensino que melhor facilita a aprendizagem dos alunos.” (NONO, 2005). Nas aulas em que os professores possuem um elevado de conhecimento do conteúdo, os alunos tem a possibilidade de questionar mais

e as intervenções do professor são mais frequentes. E a partir destas discussões, tanto o professor, quanto o aluno, enriquecem suas discussões a respeito da matéria e conteúdo que está sendo trabalhado.

O professor fala também das escolhas dos conteúdos s serem trabalhados em suas aulas. Como podemos trabalhar com uma variedade imensa de possibilidades dentro de cada conteúdo da Educação Física, o professor escolhe, de maneira subjetiva, aquele conteúdo que ele possui mais experiência, mais domínio, porque tem medo de não conseguir realizar a aula de maneira satisfatória.

“A gente traz as vivências nossas pra essa seleção, é extremamente subjetiva. Eu escolhi forró, não escolhi samba, porque eu tentei dançar samba e não consegui de uma maneira tão bacana quanto o forró que me trouxe várias experiências legais. Mas quero fazer samba com os meninos também. Mas e o medo e a falta do domínio tão grande... É complicado.”

A experiência influencia no momento do planejamento da aula e também no momento do professor fazer uma avaliação da própria aula, já que com aquele conteúdo que ele sabe mais ele fica atento para questões que geralmente irão aparecer e que ele facilmente conseguirá controlar, o que pode não acontecer com os conteúdos que ele não tem tanto domínio. Por isso, o professor coloca a necessidade de estudos constantes para o aprimoramento das práticas e do conteúdos a serem trabalhados.

“O fato de eu ter tido experiência, por exemplo, com treino de basquete e futsal deixaram marcas pro meu corpo que até pra planejar uma aula que vise o desenvolvimento de algumas habilidades técnicas, por exemplo, naquele esporte, é muito mais fácil pra mim do que o vôlei. O vôlei eu não tive experiência. Então eu tenho que voltar no que eu estudei em ensino de vôlei, conversar com alguém que joga vôlei, aí você tem que estudar muita mais.”

O professor iniciante parece requer uma atenção especial, na medida em que demonstra uma necessidade significativa de apoio e orientação para que inúmeras dificuldades por ele enfrentadas possam ser superadas de modo

positivo e possam contribuir com o fortalecimento da sua opção profissional, bem como a melhoria da sua prática pedagógica.

Os primeiros anos de profissão são decisivos na estruturação da prática profissional e podem ocasionar o estabelecimento de rotinas e certezas cristalizadas sobre a atividade de ensino que acompanharão o professor ao longo de sua carreira. De acordo com Feiman-Nemser (2001), os primeiros anos da profissão representam um período intenso de aprendizagens e influenciam não apenas a permanência do professor na carreira, mas também o tipo de professor que o iniciante virá a ser. (NONO, 2005)

Durante a entrevista, o professor demonstra uma certa satisfação em relação ao seu início de carreira. Foi em uma escola nova, com propostas pedagógicas diferente do que se está acostumado a encontrar, com um público alvo bastante específico, mas que, com a possibilidade de trabalhar em conjunto com outro professor.

“(...) uma proposta diferente do habitual, que foi até uma coisa muito legal, que era trabalhar em dupla. Então era eu e outra professora responsável pelas aulas de cada turma na escola.”

Então, apesar das peculiaridades e diversidades encontradas na escola, as dificuldades foram amenizadas devido ao trabalho coletivo realizado com outro professor, que tinha experiências diferentes do que as citadas pelo entrevistado e que de acordo com o mesmo, facilitou ainda mais o trabalho. A possibilidade de construção coletiva, discussão sobre as aulas, os temas, os alunos, a escola, influenciaram de maneira muito positiva na entrada do professor na carreira docente, fazendo com que ele se empenhasse cada vez mais com a sua profissão..

“Então foi um trabalho de parceria que um aprendeu muito com o outro. Foi muito bom, pra mim, como início de carreira. Eu tive a possibilidade de discutir muitas coisas, de debater, de perguntar por que sim, por que não, e vamos construir isso juntos. E ela com mais tempo de formada, ela formou uns cinco anos antes de mim e já trabalhava. Então ela trazia uma série de experiências de docência mesmo que eram legais.”

Segundo Huling-Austin (*apud* Marcelo García, 1999, p.120), uma das referências mais significativas encontradas em seus estudos a respeito ao importante papel do “professor de apoio” (algumas vezes chamado de professor mentor, professor colega, ou o colega do professor) para o docente que esta começando a sua atuação profissional. E complementa: Os professores principiantes que durante seu primeiro ano de trabalho como docentes contam com a colaboração de um professor mentor apresentam atitudes e percepções relativamente ao ensino e significativamente mais saudáveis que os outros que não dispõem desta possibilidade de apoio pessoal (*idem*, p.123). (FERREIRA e REALI,2009)

“Como eu disse, tinha uma pessoa que era a dupla... A Ana Paula que também formou aqui e tinha experiência muito grande com ginástica e com dança, que era uma área justamente que eu não tinha experiência tão grande. E foi um negócio fenomenal.”

Partindo desse depoimento final e diante do que a literatura tem mostrado em relação aos professores que se iniciam na profissão docente – dificuldades, preocupações, sentimentos, aprendizagens – parece ficar evidente a necessidade de que, especialmente nos primeiros anos da profissão, os professores tenham a oportunidade para conversar com outros colegas a respeito do ensino que estão desenvolvendo, para analisar o trabalho de seus alunos, para examinar problemas e para considerar alternativas de atuação.

Mizukami ET AL (2002) *apud* Nono, 2005

destacam o fato, embora não se refiram especificamente ao professor iniciante, de que os professores precisam fazer parte de uma comunidade de aprendizagem, trabalhando com os pares, recebendo apoio e assessoria de um diretor que compreenda as necessidades colocadas pelas políticas públicas em relação ao papel do professor e às necessidades de mudanças de práticas pedagógicas, discutindo suas práticas escolares com outros profissionais que possam oferecer sugestões e comentários – que constitua fonte de apoio e de ideias.

“Um mundo de coisas onde a gente construiu juntos muitas vezes, algumas vezes eu assumi mais a frente porque eu dominava, por exemplo, o futebol, dominava mais do que ela. Algumas eu aprendi muito com ela. Ela é do Sarandeiros, então trazia várias coisas de dança que eu ficava doido.”

Espaços coletivos, nas escolas, para a discussão do ensino desenvolvido pelos diversos professores e, portanto, para a discussão dos conhecimentos profissionais de cada um deles e das formas de utilização de tais conhecimentos em situações específicas de ensino parecem ser fundamentais para os professores iniciantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da pesquisa e durante o desenrolar do processo de construção da mesma, percebemos que existem muitos aspectos envolvidos na atuação de professores iniciantes, no processo de formação da sua carreira e também nas relações existentes entre as experiências anteriores à formação inicial e a sua prática pedagógica.

Começamos questionando sobre a influência das experiências sociocorporais na no início da carreira docente de professores de Educação Física e como se dá esse processo. Vários foram os questionamentos e hipóteses levantados que influenciaram nossa busca para compreender melhor como acontece esse movimento dos professores iniciantes, se ele sempre se utilizará destes conteúdos que tem maior domínio durante sua prática, se a experiência com determinado conteúdo realmente traz uma segurança maior no momento de ministrar as aulas, como ele se organiza em relação aos conteúdos que ele não experimentou ou vivenciou, se existem mais dificuldades ou facilidades em relação aos conteúdos já vivenciados e por último, se um aprofundamento maior em determinado conteúdo e a segurança de ministrar aulas do mesmo, excluirá das aulas deste professor os outros conteúdos da Educação Física.

Estas são questões que conseguimos dialogar com diferentes autores quando analisamos artigos, teses e dissertações sobre professores iniciantes, sobre os saberes e conhecimentos que o professor deve ter para ser professor, sobre professores iniciantes de Educação Física e também sobre as experiências sociocorporais.

Com bases nessas leituras, percebemos que o professor deve ter, muito além do conhecimento sobre o conteúdo da matéria que ele leciona, conhecimentos pedagógicos que o auxiliarão no momento da prática pedagógica, em como organizar e planejar uma aula, um projeto de ensino; quais conteúdos ele deve utilizar para alunos com características diferentes; como facilitar a aprendizagem dos seus alunos através de instrumentos e ferramentas que ele pode utilizar para deixar a aula mais acessível.

Porém, apenas esses conhecimentos “científicos” não são suficientes para que o professor acumule uma quantidade de saberes que possam auxiliar durante sua prática. Todo aquele conhecimento que ele construiu durante toda a sua vida, seja com experiências na Educação Física escolar, seja em escolinhas de esportes ou clubes e academias, seja na escola, em casa brincando com a família e amigos e também durante o curso de graduação. Todas essas experiências influenciam na maneira como o professor organiza sua prática e como ele se utiliza desses saberes para facilitar a aprendizagem dos seus alunos.

Dialogando com os autores e com o sujeito da pesquisa, percebemos que um domínio maior de determinado conteúdo e uma vivência expressiva com determinada prática corporal influenciam de maneira positiva no momento do professor de Educação Física iniciante planejar suas aulas. A subjetividade do professor também está presente no momento de planejar a aula ou selecionar o conteúdo a ser trabalhado, já que ele possui uma vivência maior com determinado conteúdo. Porém, somente este conhecimento não é suficiente, uma vez que o professor pode encontrar situações diversas que ele vai aprender com sua prática cotidiana.

Em relação aos conteúdos que o professor não tem um domínio significativo ou encontra dificuldade para ensinar aos seus alunos, os autores apontam que realmente as aulas não são da melhor qualidade uma vez que o professor não tem conhecimento para questionar com seus alunos sobre o assunto. Porém, assim como o entrevistado colocou e também os autores, o que pode auxiliar o professor nesse período de dificuldade e questionamentos é o trabalho coletivo.

Percebemos que o trabalho coletivo, a troca de ideias e informações sobre os alunos, as aulas, a escola, os projetos desenvolvidos pelos professores contribuem positivamente na inserção do professor iniciante na escola, já que ele consegue desenvolver um trabalho com mais segurança e também refletir sobre a prática, discutir sobre problemas e angústias cotidianas.

Assim, concluímos que as experiências anteriores à formação inicial dos professores iniciantes de Educação Física influem de forma significativa, podendo ser um instrumento utilizado pelos mesmos no momento da sua atuação. Porém,

somente essas experiências não são necessárias para o desenvolvimento de uma aprendizagem completa dos alunos. Os professores iniciantes devem conter um conhecimento sobre a matéria e sobre teorias e conceitos pedagógicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. J. *O planejamento de pesquisas qualitativas em educação*. In Cadernos de pesquisa. São Paulo, 1991. p. 53-61.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004, 203 p.

FERREIRA, L. A.; REALI, A. M. M. R. (2009). O início da carreira docente na Educação Física. In REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (orgs.). Complexidade da docência e formação continuada. São Carlos: EdUFSCar, 17-43.

FIGUEIREDO, Z. C. C. *Experiências sociais no processo de formação docente em Educação Física*. 2004. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.

HUBERMAN, M. *O ciclo da vida profissional dos professores*. In: NÓVOA, Antônio. *Vidas de Professores*. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995, p. 31-59.

MIZUKAMI, M. G. N. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman*. In Revista do Centro de Educação. 2004. Santa Maria, 2004. vol. 29. n. 2.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; LOURENCETTI, Gisela do Carmo. Dilemas de professoras em práticas cotidianas. In: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues (Org.). *Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas*. São Carlos: Editora UFSCar, 2002.

NONO, M. A. *Casos de ensino e professoras iniciantes*. 2005. 238f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. 2005.

PERDIGÃO, A.L. Concepções pessoais de futuros professores sobre os processos de aprendizagem e de ensino. In: REALI, A.M.; MIZUKAMI, M.G. (Orgs.). *Formação de professores, práticas pedagógicas e escola*. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p.265-94.

SHULMAN, L. S. *Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. Revista de Currículum y formación del profesorado*, 9, 2, p. 1-30, 2005.

_____. Knowledge and Teaching: Foundations of the New Reform. *Harvard Educational Review*, 57 (I), p. 1-22, 1987.

_____. Those Who Understand: Knowledge Growth in Teaching. *Educational Researcher*, v. 15, n. 2, p. 4-14.

STEFANE, C. A.; MIZUKAMI, M. G. N. A formação inicial vista a partir do exercício profissional da docência: contribuições de professores de Educação Física. In: MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R (Org.). *Formação de professores, práticas pedagógicas e escola*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. *Saberes, tempo e aprendizagem no magistério*. Educação e Sociedade. a. 21. n. 73. P. 209-242. Dez. 2000.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista

Nome:

Idade:

Quando foi que você se formou em licenciatura?

Quanto tempo de docência na escola?

Há quanto tempo trabalha nessa escola?

- 1) Você teve algum envolvimento mais longo e profundo (escolinhas, equipes, grupos / academia de dança) com alguma prática corporal (dança, lutas, esportes, ginástica, outras) antes de iniciar o curso de licenciatura? Fale um pouco sobre essa experiência (onde, tempo de duração, pontos positivos e/ou negativos, aprendizagens mais significativas, os sujeitos envolvidos e outras que você achar importante relatar).
- 2) Você acha que estas experiências influenciaram na escolha pelo curso de Educação Física e, conseqüentemente, pela licenciatura? Por quê?
- 3) Existe alguma relação entre a sua trajetória de proximidade com a prática corporal e a sua experiência de formação na licenciatura? Sim ou não? Por quê?
- 4) Quais foram os maiores desafios enfrentados por você no início da sua carreira como docente de Educação Física na escola?
- 5) Você acha que suas experiências com a prática corporal lhe ajudaram no início da sua carreira como professor de Educação Física? Essas experiências influenciaram a sua prática? De que forma?

- 6) Você entende que tem mais ou menos facilidade para ensinar o conteúdo na escola por conta da sua trajetória de contato com essa prática corporal? Por quê?

- 7) Você se utiliza de experiências que viveu anteriormente relacionado as suas experiências nas aulas que você ministra? Como isso acontece?

ANEXO

Transcrição da entrevista

Nome: Marcos.

Idade: 27 anos.

Quando foi que você se formou em licenciatura? Dezembro de 2009.

Quanto tempo de docência na escola? Dois anos e três meses.

Há quanto tempo trabalha nessa escola? Dez meses.

1) Você teve algum envolvimento mais longo e profundo (escolinhas, equipes, grupos / academia de dança) com alguma prática corporal (dança, lutas, esportes, ginástica, outras) antes de iniciar o curso de licenciatura? Fale um pouco sobre essa experiência (onde, tempo de duração, pontos positivos e/ou negativos, aprendizagens mais significativas, os sujeitos envolvidos e outras que você achar importante relatar).

Bastante coisa pra falar. Então, acho que a primeira coisa que eu fiz mais sistematizado foi quando minha mãe me colocou na nataçãõ, eu tinha três anos se não me engano e comecei a nadar. Inicialmente em uma escola perto de casa, depois no Pingo d'água e depois no Minas, apesar de nunca ter chegado em equipe, nem nada, então não foi um negócio do alto rendimento da nataçãõ, mas eu fiz durante 14 anos, até eu completar 17 anos até eu chegar no terceiro ano, aquela correria e tal e eu acabei largando a nataçãõ. Mas gosto muito de nadar até hoje. Tive algumas amizades na nataçãõ, infelizmente nenhuma delas até hoje, mas é uma experiência muito bacana essa, do corpo num outro meio que não o que a gente tá acostumado assim. Acho fenomenal, qualquer coisa que você falar que é pular na piscina, pular no mar, eu topo, sempre. Pena que em escola, dependendo da escola é mais difícil ter essa experiência. Muitas escolas não tem piscina, ou quando tem o clima nem sempre ajuda. Então eu já vou começar a entrar nas outras perguntas, se eu começar a falar tem problema? Então, por exemplo, na outra escola que eu dava aula, ficava ali no Mangabeiras, na base da Serra do Curral, então tinha uma piscina bacana, mas tipo, 7 horas da

manhã tava 12 graus, não tinha jeito de pular em nada, com ninguém, só se eu quisesse matar todo mundo. Então eu dei pouquíssimas aulas de natação, apesar de ter ficado dois anos. Acabou que até hoje eu não consegui trabalhar esse conteúdo da natação de maneira satisfatória pra mim. Pra além da natação, outra coisa que eu fiz durante um tempo razoável foi futebol, futsal no caso. Eu fiz futsal quando eu tinha uns seis, sete anos, eu fiz durante uns três anos. Depois voltei a fazer um pouco mais velho, quando eu tinha uns treze anos por aí, fora jogar bola na rua, que também é uma escola de futebol se a gente for pensar. Eu morava quando eu era pequeno num prédio que tinha muito mato em volta, a rua era de boa, então a gente, e muito vizinho da mesma idade, idade parecida, muitos meninos mesmo, tinha uns quinze meninos, então a gente jogava bola mesmo, disparado. Então para além da escolinha eu tinha essa experiência de futebol de rua, digamos assim, que é também um negócio fenomenal que tá muito presente nas escolas de uma forma geral, os meninos trazem um pouco desse futebol de rua, dependendo da classe social, principalmente. Eu curto até hoje o futebol, a pelada e tal, jogo até hoje. E fiz basquete também, foram as três coisas que eu fiz, o basquete eu fiz por menos tempo, eu fiz aproximadamente um ano e meio, quando eu tinha de treze pra quinze anos, eu fiz o basquete. Nunca entrei em nenhum tipo de luta, nenhum tipo de dança, nem nada. Pelo menos não antes de entrar aqui na faculdade de Educação Física e só aqui eu fui perceber que isso me fazia falta. É curioso você ver que seu corpo está acostumado a só determinadas coisas assim. Me jogava na água eu tava de boa, põe uma bola pra chutar ou arremessar numa cesta de boa, mas se por uma música qualquer pra tocar, meu corpo ficava sem saber exatamente o que fazer com aquilo. Ou me por num tatame para derrubar alguém ou fazer algum tipo de pontuação, num dava muita coisa. E acho que aqui na Educação Física eu comecei a abrir a mente e o próprio corpo também para algumas outras vivências e to nesse processo aí até hoje. Se Deus quiser vou continuar também, acho que é importante pra nós profissionais de Educação Física tá constantemente experimentando algumas coisas no nosso corpo. Não que a gente não possa dar aula de alguma coisa que a gente não viveu no corpo, mas acho que isso facilita até o entendimento que a gente vai ter do aluno praticando aquilo, a gente viveu isso no corpo, também. Enfim, acho que é mais ou menos isso. Estou lembrando

de umas coisas curiosas. Na natação eu nadava de manhã, quase toda minha vida eu nadei de manhã, durante um breve período eu nadei de tarde. Então tinha dia no inverno, que sério mesmo, dava o maior desânimo do mundo. Você levantar da cama, olhar pra piscina, tinha dia que a piscina tava saindo aquela névoa assim e você falava “Jesus, tá frio demais, porque que eu vou pular aqui”. E fazia aquecimento, alongamento e você pulava na piscina e sentia frio do mesmo jeito. Aí meu problema era com o borboleta, nadar o borboleta pra mim era o fim. Cansa demais, morria. Eu realmente durante um tempo eu fiquei meio com preguiça da natação, eu ia mesmo porque já era um hábito, minha mãe e meu pai queriam que eu fizesse, mas eu gostava, na maioria do tempo eu gostei muito da natação e sou muito grato pela escolha, acho uma escolha boa. Foi um esporte que eu creio que me fez muito bem, assim, em relação a ter uma atividade física regular, a ter o gosto pela água mesmo. Meu pai, por exemplo, se você jogar ele numa piscina que seja mais funda que ele, ele morre, ele não consegue nadar. O futebol e o basquete veio como escolha. Eu jogava bola na rua, mas eu nunca fui um dos melhores e tentei entrar na escolinha pra ver se melhora. E aí entrei na escolinha, tinha um gosto muito grande pelo futebol. Se eu melhorei ou não, não sei, mas enfim... E o basquete foi um período em que... Isso é interessante. A Educação Física que eu tive na escola, eu estudei boa parte no colégio Pitágoras do Cidade Jardim. Foi uma Educação Física menos ligada a essa tendência da cultura corporal do movimento, enfim, era muito baseada nos esportes mesmo. Então a gente tinha quase toda aula, aulas de futsal, vôlei, basquete, handball e de vez em quando tinha piscina. Acaba que sempre o futebol é o negócio mais disputado, o que dá mais menino principalmente. E aí tem aqueles caras que dava preguiça de viver, jogar com o cara... Cara todo marrento, tinha sempre um ou dois assim e eu tinha preguiça disso, eu sempre fui muito de boa com esporte. Óbvio, ganhar é bom, mas não tinha aquele estresse de na hora que o cara perdeu o gol, quase mata o cara e isso me irritava. Então, durante um bom tempo, lá pela sexta ou sétima série, eu passei a jogar menos futebol na Educação Física e passei a jogar basquete e handball, principalmente basquete, eu gostava muito de basquete. E também essa onda de querer treinar um pouco mais e tal, eu entrei numa escolinha, chegamos a disputar alguns jogos, mas nada de campeonato. Minha experiência nunca foi de grandes vitórias.

Falando de experiências positivas, eu lembro... Olimpíadas é um negócio fenomenal, olimpíadas nas escolas. Agora que a gente tá organizando, a gente no caso eu, eu tô organizando uma agora pra daqui duas semanas na escola que eu dou aula, no IMACO, você o tanto que tá trabalhando. Mas quando você tá só participando é lindo... Tabela, uniforme, é lindo. Eu tenho recordações muito interessantes dessas olimpíadas. Teve uma que foi no CEU, eu lembro que a gente saía lá do Pitágoras pra ir pro CEU, dois dias e tinha todos os jogos lá no CEU, era muito legal assim. E teve a final do basquete, que nosso time chegou contra um time que tinha um cara que era tipo gigante, o cara chamava Celso. E todo mundo tinha medo do time dele, porque ele sozinho ganhava o jogo. E eu sei que nosso time arrumou um negócio, fez uma tática toda especial para marcar o Celso. E aí, por coincidência, eu não sei, se foi a nossa tática ou foi um dia de azar do Celso, ele jogou muito mal, a gente conseguiu marcar ele e o jogo terminou seis a zero, três cestas só nossas, as três minhas, eu lembro disso, eu achei fenomenal e a gente foi campeão do basquete, muito legal isso. Acho que isso influenciou eu entrar no basquete, eu não tinha entrado ainda não. Então eu pensei que tinha potencial. Mas enfim, foi uma experiência muito boa essa. Teve um campeonato também na Educação Física dentro da escola também, que eu era o goleiro do futsal. Chega um momento da vida que você percebe que não tem habilidade suficiente para jogar na linha de maneira a destacar, aí você pensa "Então eu vou pro gol, quem sabe?" Aí eu era o goleiro, lembro até hoje disso. A gente chegou na final também, era um jogo muito disputado, consegui catar muito bem. No campeonato eu não consegui catar muito bem não, mas na final eu catei muito bem. Ficou zero a zero e foi pros pênalti, eu peguei o último pênalti, nós ganhamos, foi muito legal. É legal como é que os esportes marcam. Tem gente que lembra de viagens, excursões ou de olimpíadas. Então acaba que são experiências legais, que criam vínculos, criam laços e eu acho que acabei investindo nestes esportes que de alguma forma eu tinha algum destaque. Eu não sei o que veio primeiro, se foi o fato de fazer escolinha ou não. Enfim, na natação nunca teve nada em termos de conquista, mas eu acho que essa experiência e essa relação com a água, que pra mim é muito bacana, é algo que fica de muito positivo, muito positivo mesmo, que eu acho que vale mais que qualquer uma

dessas medalhas. De uma maneira geral minha relação com o esporte foi muito positiva.

2) Você acha que estas experiências influenciaram na escolha pelo curso de Educação Física e, conseqüentemente, pela licenciatura? Por quê?

Primeiro é legal de pensar no Pitágoras, quando eu terminei a oitava série e entrei no primeiro ano, por algum motivo esdrúxulo, não tinha Educação Física no primeiro ano do ensino médio. E lembro que, mesmo não sendo o representante de turma, eu gerei uma revolta na sala, convoquei não sei o que, abaixo assinado... “Como assim não tem Educação Física?”. Eu sempre gostei muito de várias aulas, gostava de várias aulas, mas Educação Física eu tinha um carinho muito especial e pra mim, arrancar a Educação Física foi assim... Eu lembro que fui sozinho na direção, com a folha do abaixo assinado, tentando convencer a diretora de que a Educação Física era importante, no primeiro ano, com quinze anos. Eu lembro da diretora falar que pela legislação não era obrigatório no ensino médio e que eles tiveram que fazer um rearranjo de horário e com vestibular no meio e aquele papa que a gente já conhece. Aquele desprezo da Educação Física. Eu tentei uma argumentação, que hoje em dia eu nem usaria ela, pelo menos não na essência, relacionado ao desenvolvimento físico, à saúde e até a poder ajudar na própria organização da disciplina da sala... eu devo ter falado atrocidades. Enfim, eu fiz o que estava ao meu alcance naquela época. Eu lembro que não adiantou. Ela até falou que ia levar em consideração, mas para aquele ano não dava. O que aconteceu? Quando eu passei pro segundo ano, o primeiro ano teve Educação Física, mas o segundo não. Então eu fui de novo na direção pra reclamar disso. O mesmo papo, a mesma onda. O que aconteceu? Eu fui pro terceiro ano. O primeiro e o segundo ano tinha Educação Física e o terceiro não tinha. Isso me deixou muito revoltado, porque eu fiquei três anos sem Educação Física nenhuma. E coincidiu do segundo para o terceiro ano, eu saí da natação também, isso abriu um período meio sedentário na minha vida, isso é bem ruim. Porque eu foquei muito nos estudos, passei no vestibular. Eu não sabia o que eu queria, como eu disse, eu gostava de um monte de coisa, então eu tinha muita dificuldade de escolher aquilo que eu gostaria mais de trabalhar e acho que

tirando medicina e direito, qualquer coisa que tava na lista da UFMG eu tava topando. Foi uma escolha muito difícil, eu escolhi na fila do correio. Marquei a engenharia química, não sei porque não. Fiz engenharia química dois anos e meio, no quinto período eu tranquei porque eu não tava satisfeito com curso. Aí eu rodei essa faculdade, esse campus todo aqui, conversando com gente dos cursos, marcando entrevista com coordenador de curso, pra eu ver um pouquinho qual era a perspectiva dos cursos. Eu fui em alguns que me interessavam mais: psicologia, geografia, comunicação social e parei aqui na Educação Física. É interessante como é que as coisas as vezes confluem de um jeito muito interessante, que a gente não controla. Na época o coordenador do colegiado era o Tatá, Tarcísio Mauro Vago. Não conhecia ele, mas ele marcou um horário pra conversar comigo, achei isso muito bacana. E ai, lembro sentado na sala do colegiado, a gente ficou uma hora conversando e ele fez um organograma de Educação Física, eu tenho a folha até hoje em casa. Isso foi 2005. Tenho a folha até hoje, ele falando de ginástica, de tempo, de esporte e eu pensei “Cara, que doido, minha Educação Física não teve nem um terço disso aqui e eu já gostava tanto, imagina uma Educação Física que tem isso tudo e tal”. Eu saí meio que decidido a tentar Educação Física. Não só pelo que o Tarcísio falou, mas porque eu tinha um sonhe de mexer com futebol. Sempre fui apaixonado por futebol, cruzeirense e tal. Minha família, meu tio foi jogador de futebol e depois treinador. Muitos meninos, dentre eu, sonha em ser jogador de futebol, mas ai você vê que não dá. Você sonha em ser goleiro de futebol, não dá. Então vou ser treinador de futebol, Educação Física é um bom lugar. Fiz o vestibular em 2005, passei e entrei com essa perspectiva, que era ser treinador de futebol. Chegando aqui, procurei quem mexia com isso, fui no CEU, vi o esquema de treinamento. Mas sei lá, eu vi que não só as pessoas que mexiam com isso, como o meio, no futebol, era um meio com lógica, ideias, valores, muito distantes do que eu acreditava. A questão da seletividade, do grande grau de exigência pro rendimento, muitas vezes você ter que abrir mão até de valores seus por um meio que é bem sujo, assim digamos, com coisas muito exclusas, vários interesses... Eu comecei a olhar pra isso e pensar assim “Acho que eu não vou dar certo com esse trem não”. Aí foi um momento de muita crise, primeiro período ainda. Porque eu entrei aqui pra ser treinador de futebol e eu não vou ser treinador de futebol, eu não vou

dar conta. Mas aí, mais uma vez essas coincidências da vida, quem entrou comigo foi o professor Silvio Ricardo da Silva, vindo de outra universidade, primeiro semestre dele aqui e ele deu uma disciplina pro primeiro período, recreação e lazer, e ele com a dinâmica muito interessante, a gente se deu bem, se identificou e no segundo período ele ofertou a disciplina de futebol e cultura. Tinha futebol, eu me interessei e fui tentar a disciplina. Acabou que eu não consegui vaga, por ser do segundo período, o Silvio abriu mais vagas, eu tava na lista de espera e entrei. Amei a disciplina. Essa questão de ver o futebol como elemento cultural, como algo relacionado à história, antropologia, sociologia, como algo na essência da cultura brasileira, foi um negócio muito fenomenal. E nesse segundo período, o Silvio fundou o GEFUT e me convidou pra participar. E começou um amor pelo futebol e pela cultura que me leva até hoje. O GEFUT faz seis anos esse ano e eu tenho seis anos de GEFUT. Estudando várias coisas, participei de várias pesquisas, foi a minha segunda formação aqui dentro da faculdade. Teve a formação das disciplinas, que a gente faz nos nossos caminhos, mas o GEFUT foi o segundo lugar de formação e uma possibilidade inclusive de trabalho, seja no meio acadêmico, seja em outras possibilidades, políticas públicas. Essa questão do futebol ta em moda, copa do mundo... Então foi uma coisa com qual eu me identifiquei. E paralelamente a isso, as disciplinas da faculdade e as pessoas, tanto alunos como professores nesse prédio da Educação Física, por sorte ou por azar, foram pessoas que me mostraram muitas coisas interessantes, trouxeram várias visões novas, sobre Educação Física, sobre esportes, sobre movimento, sobre corpo, sobre várias coisas bacanas. E eu não posso deixar de destacar nessa caminhada o Tatá, Zé Alfredo, Meyli, o próprio Silvio, o pessoal do Pé de Cachorro que com toda lógica deles pé de cachorro, eu nem preciso explicar aqui, o que foi. Foram meus calouros e trouxeram toda uma lógica diferente de ver o esporte, de ver as práticas corporais aqui e que me marcaram muito. Então cada um com suas contribuições, sejam em aulas, sejam em festas, sejam em torneios esportivos, cada um trouxe um pouco disso. E a própria grade curricular do curso. Eu acabei optando pelo bacharelado inicialmente, a gente tinha que escolher no terceiro período, não sei porque escolhi o bacharelado. No quarto período eu tava um infeliz aqui dentro, não tem nada a ver isso aqui comigo. O colegiado autorizou e no quinto período

eu voltei para a licenciatura, eu e a Letícia, da minha turma. Foi até legal, porque nós dois fizemos esse caminho e um ajudou o outro, porque a gente acabou ficando meio solto, os dois fora do tempo durante uns dois semestres. Foi uma pessoa também que me ajudou muito nessa caminhada. E as disciplinas da licenciatura foi uma coisa que me abriu muito o olhar. Como eu disse, no Pitágoras eu tinha futebol, vôlei, basquete e handball, queimada e natação de vez em quando. Aí você chega aqui e tem: jogos, brinquedos e brincadeiras, lutas, capoeira, dança contemporânea, danças brasileiras, a própria natação, futebol, handball, atletismo, ginásticas. Então você vai vendo um monte de coisa e era muito interessante. A Educação Física tem a característica de ter muitos atletas ou ex-atletas como alunos, então muitos tinham várias experiências extremamente refinadas, desenvolvidas em alguma coisa. Então o próprio ver essas pessoas desenvolver as coisas foi muito interessante e tentar isso com meu corpo foi experiências muito doidas assim. Eu não me esqueço, muitas aulas assim, eu tive que fazer um esforço realmente o fundo do coração, pra fazer algumas aulas aqui. A minha experiência era zero praticamente. Nesse sentido, umas das coisas que mais me encantou aqui na faculdade como experiência corporal foram as danças. Acaba que nas disciplinas aqui, até com estudos teóricos, oficinas de movimentos mais elementares e confesso com um envolvimento meu acima do esperado, eu realmente me empolguei, tanto que eu virei monitor de disciplina de dança, entrei no grupo de dança experimental aqui da Isabel Coimbra, eu acabei entrando nisso e achei muito interessante essa proposta de como o ritmo, como uma música gera repercussões no nosso corpo e o nosso corpo no corpo do outro e os nossos corpos no espaço e isso tudo em que está assistindo. Isso tudo é fenomenal. E não numa lógica que muitas vezes é a lógica do esporte que eu estava acostumado, que tem alguém pra você bater, tem uma meta específica pra você chegar. A dança muitas vezes não tem isso e isso foi uma experiência tremenda. Só no grupo de dança da Isabel eu fiquei um pouco mais de um ano, aqui dentro foi uma experiência muito marcante pra mim. As próprias lutas, também me encantei com a capoeira, fiquei de seis a oito meses no grupo do Bocão fora da disciplina regular de capoeira, também vi que eu não levo tanto jeito assim.

Acho que a paixão pelo futebol e querer trabalhar com algo que me era tão querido e ver essa possibilidade como treinador de futebol, acho que foi uma soma de todas essas vivências, essas percepções que me levaram a esse caminho. Caminho, que eu vou ser sincero, eu não tinha certeza nenhuma quando eu entrei aqui e que se tornou extremamente obscuro. Meu primeiro semestre foi tenebroso. Aquela decepção com ser treinador de futebol, e agora? Eu já larguei um curso, como assim, não vou largar outro agora e fazer outra coisa. Mas eu acho que essas duas coisas foram duas coisas que me sustentaram aqui dentro e mais do que isso, que me trouxeram uma nova luz para uma coisa que eu também, ne... Eu gostava das aulas de Educação Física na escola, gostava de futebol. E essa nova perspectiva do futebol como elemento cultural e a Educação Física como um conteúdo mesmo possível de ser trabalhado na escola com toda essa diversidade pra muito além desses esportes básicos que em geral a gente vê ou via na Educação Física na escola, foi algo que me encantou de maneira tremenda. E aí, é o que eu falei, algumas pessoas são bastante marcantes nessa caminhada. Algumas aulas com o Tatá e o Zé Alfredo, por exemplo, em que eles falam com uma paixão disso e muitas vezes a gente indo pra prática. Muito interessante isso, não só os estágios, mas as aulas que a gente teve oportunidade de efetivamente lecionar em uma escola, como “Infância e Juventude” e “Ensino de Jogos, brinquedos e brincadeiras”, teve duas disciplinas que a gente foi com o Zé Alfredo pra escola. Foram experiências fenomenais pra clarear pra mim mesmo que era uma coisa que eu gostaria de fazer. Se não para a vida toda, pelo menos por um tempo. Lembro até hoje do meu desespero de fazer um plano de aula, eu sou muito perfeccionista com as coisas, extremamente. Tento sistematizar tudo, hoje menos um pouco, acho que a Educação Física me trouxe isso também de bom. Mas aquele plano de aula, ultra mega detalhado e chega lá... Trinta meninos e eu e mais uma pessoa pra dar aula pros meninos e aí você planejou três atividades para quarenta minutos e aí... Aquele caos. Aí você não faz nada do que você queria, pelo menos você não consegue reconhecer naquela aula algo que você queria. Eu lembro de ter uma aula, o Zé Alfredo gostava de fazer uma roda depois pra discutir as aulas de todo mundo. Teve uma roda que eu chorei, de desespero da aula ter dado errado. E o Zé olhou pra minha cara, daquele jeito dele, sentado na grama, descalço e

perguntou: “Como assim deu errado? Você não viu que o menino fez isso, teve um grupo de meninos que se apropriou disso. Qual era o seu objetivo com a aula?” O meu objetivo era, sei lá, que os meninos desenvolvessem com o corpo formas de correr. “Mas você queria que fosse a sua forma de correr? Os meninos estavam correndo de um jeito muito bacana, muito rico e tal e tinha um imitando o outro, você não conseguiu perceber isso? Sua aula foi excepcional, cara.” E eu pensei... É isso, é mesmo. Rolou isso, como é que eu não vi isso. Eu estava tão focado na linha rígida do plano de aula que a gente não vê isso. E eu comecei a ver quão rica pode ser a Educação Física nessa diversidade. Diversidade de conteúdos, mas sobretudo, diversidade de pessoas envolvidas. Se você tem você mais trinta alunos, são trinta e uma pessoas diferentes que tem experiências corporais diferentes e por mais que você tem uma proposta, cada um vai se apropriar de um jeito. Eu acho que eu desenvolvi muito a sensibilidade e a flexibilidade de perceber a riqueza do que cada um trás pra esses momentos. Eu acho isso fenomenal, fantástico. Coisas que, por exemplo, como um treinador de futebol, eu teria muitas limitações pra trabalhar com isso, porque não interessa o cara que tem uma experiência corporal diferente mas que não tenha a eficiência de cruzar uma bola, tocar uma bola, correr e chutar pro gol. Não interessa. E aí, Tatá e Zé Alfredo... Tatá lendo poesia no início de cada aula, fenomenal, eu amo poesia, literatura, amo ler. Olha que coisa sensacional, você começar uma aula com poesia. É algo que eu tento implementar até hoje nas aulas mas ainda não consegui de maneira efetiva, mas a gente vai tentando, dialogar a Educação Física com a arte. São coisas que marcam assim. Teve a oportunidade, no Gefut, no projeto de extensão em que a gente dava aula em escolas pública de Belo Horizonte, só sobre futebol. A ideia era trazer o futebol de maneira diferente pra esses meninos. Não tradicional, com treinamento técnico ou tático, pelada ou coletivo que rola nas aulas de Educação Física muitas vezes. Mas trazer todo um contexto de futebol e de torcida. Eu passei três anos nesse projeto de extensão, dois como bolsista e um como voluntário. E foi fenomenal. Foi um laboratório de metodologias, de pedagogia, de didática, de instrumentos... Foi uma coisa assim, tremenda, que pra mim é o conteúdo mais difícil de dar até hoje em Educação Física. Hoje, eu to no IMACO dando aula de futebol, é o módulo que eu to nesse momento, é a aula mais difícil de dar. Por mais que seja uma coisa que eu sou

mais apaixonado, mais preparado pra dar, teoricamente, porque eu fiquei seis anos inteiros aqui estudando sobre isso, fora a minha própria experiência corporal com o esporte, mas é a aula mais difícil de dar. Porque todo mundo acha que sabe ou todo mundo tem trauma com o futebol. Em geral, noventa por cento dos alunos em uma turma, pelas experiências que eu tive, tanto no Libertas quanto no IMACO, é simplesmente assim... Desses noventa por cento, em geral, quarenta a cinquenta por cento, a maioria deles homens, vão te falar que sabem tudo ou vão tentar demonstrar que sabem tudo, que não precisam do professor. Parece que não há nada a ser acrescentado desse conteúdo pra esse grupo. E os outros, quarenta a cinquenta por cento, que em geral são meninas, que é uma tristeza, mas tem meninos também nesse grupo, são pessoas que desenvolveram ao longo da sua vida de Educação Física escolar uma aversão ao futebol, um trauma de futebol, do tipo “Não quero nem tentar, não quero nem saber. Isso é coisa de menino e os meninos não deixam a gente jogar, se a gente jogar nós vamos machucar”. Fica aquela coisa assim... E dialogar com esses dois grupos numa só aula é extremamente difícil. Tentando construir algo de novo, trazer os conhecimentos que eles têm ou até que eles acham que tem, com os conhecimentos que eu mesmo construí ao longo da minha vida e chegar em um novo conhecimento construído com eles, muitas vezes por mais que eu tenha ficado três anos experimentando um milhão de metodologias, muitas delas com sucesso, tem hora que é difícil... tá sendo a aula mais sofrível do ano, disparado. O futebol, esta definitivamente mais difícil. Algo a princípio eu não esperava. Quando o chega o futebol eu já fico até tenso. É muito curioso. Eu tenho certeza absoluta, convicção que se tivesse uma escola com uma proposta tosca, a Educação Física vai ser só futebol... beleza... por algum motivo eu aceitasse participar de um projeto desse, eu tenho certeza que eu daria três a cinco anos de futebol, seguidos, para a mesma turma sem repetir uma aula... eu tenho certeza absoluta. Os meninos iam sair *expert* em futebol. Mas a Educação Física é muito mais do que isso... eu demorei muito tempo para perceber isso, só aqui na faculdade que eu fui ver essa riqueza. E aí eu falei não só do currículo, dos professores... Mas falei, por exemplo, do “Pé de cachorro”... Os meninos do “Pé de Cachorro” era meus calouros, eu fiz algumas disciplinas com eles porque eu atrasei meu curso também. Os “caras” tinham uma lógica fenomenal das coisas.

Intervalo de aula, galera ia pra cantina, tomar um café, jogar truco... A galera do “Pé de Cachorro” tiravam clave, bolinha de malabares, diabolô... E ficavam fazendo malabares aqui no meio dessa faculdade, um negócio extremamente louco, coisa que eu olhava assim no princípio... Esses meninos querem aparecer, o que é isso. Nunca comentei nada com eles, de falar... até porque é só mesmo uma impressão inicial que você tem disso. Eu, como disse, me tornei um cara muito aberto e acabou que alguns deles entraram no Gefut também e a gente acabou desenvolvendo essa relação de amizade bacana e uma relação muito positiva de aprendizagem mútua. E acabou que com essa convivência com eles, aqui na faculdade, em viagens, etc... Quanta coisa eu não vivi no meu corpo de maneira muito interessante que eu acho que faz falta no currículo oficial aqui da faculdade. Não tem aula de circo aqui, mas eu aprendi um pouquinho de malabares, a fazer malabares, a andar de *slack line*, a brincar com o diabolô com os meninos. Então assim, fenomenal. A própria lógica deles no torneio de futsal aqui, de trazer a lógica do “não tanto queremos ganhar, queremos participar”, que todo mundo participe, se nós somos ruim, deixa... Essa lógica que gerou tanto caos aqui. É uma lógica muito interessante que eu acho que a gente tem que trazer para as aulas de vez em quando. A competição é saudável, interessante mas eu acho que só essa lógica no esporte a gente acaba limitando o esporte. Então assim, a faculdade com toda sua diversidade, me trouxe, ampliou demais o meu olhar e as possibilidades do meu corpo de fazer de maneira que hoje eu tenho certeza absoluta que eu sou um professor muito mais preparado, muito mais aberto pra lidar com isso numa sala de aula.

3) Existe alguma relação entre a sua trajetória de proximidade com a prática corporal e a sua experiência de formação na licenciatura? Sim ou não? Por quê?

Certamente. A gente é um pouco de tudo aquilo que a gente encontrou pelo caminho. O próprio fato de eu ter escolhido isso aqui pra ser treinador de futebol reflete a minha história como torcedor, como jogador de várzea, de jogador aspirante a alguma coisa. E mesmo aqui dentro as disciplinas de futsal, nem tanto porque o professor não foi um dos melhores... O de basquete foi um bom

professor e eu estava super estimulado, foi uma das disciplinas que eu curti muito aqui dentro da faculdade. É um conteúdo que eu tenho muito segurança pra trabalhar, por toda essa vivência que eu tive, praticar em escolinha, alguns torneios e a vivência aqui dentro. Eu to até esquecendo de falar da questão do torcedor. Ser torcedor de alguma coisa gera em você uma identidade com aquilo e o fato de assistir também te gera uma série de conhecimentos que por mais que você não esteja, isso é questionável o que eu vou falar mas enfim, praticando mesmo corporalmente aquele esporte, isso gera uma série de relações. Então, acho que isso é importante de ser colocado. Eu sempre fui fanático por assistir qualquer esporte. A minha ex-namorada brincava que se você quiser saber sobre qualquer esporte do mundo, pergunta pro Marcos, ele sabe. E não era muito mentira não. Eu adorava acompanhar, adoro até hoje, muito esportes. E isso gera um movimento também de querer conhecer mais das regras, participar de alguns desses esportes, coisa que acaba refletindo na nossa prática também. Eu invento muita moda, vou ser sincero. Já dei aula de *Curling*. *Curling* é um negócio que faz no gelo, em países do Equador pra cima, que você joga uma pedra de granito deslizando no gelo, varre o gelo pra ela ir mais longe e tem que acertar um alvo, parecido com a bocha que a gente tem no Brasil, mas no gelo. Inventa moda e a gente fez *Curling*, com lona água, pintamos o negócio e tinha umas pedras lá que nos fizemos. Por quê? Por que eu achava muito doido aquele negócio na televisão, já tinha jogado no vídeo game, computador. E eu falei: “Tenho que fazer isso na vida real”. Foi um negócio bom até pra mim. Os próprios esportes radicais, também já dei aula de escalada, que foi algo que eu comecei a fazer depois da minha formação aqui, tenho que experimentar outras coisas também... Uma das coisas que eu investi foi a escalada, de treinar mesmo, aprender, então é algo que eu incluo também nos meus cronogramas em geral. Se tiver o interesse das turmas também. Então esse contato, mesmo que só de assistir, eu acho que foi importante. A relação com a formação: o futsal indiscutível, o basquete também e a natação também me gerou uma curiosidade muito grande. Querendo ou não eu fiz quatorze anos de natação. Então quando teve a disciplina ensino de natação, vou entender o que meus professores fizeram comigo quatorze anos aqui. E ai foi muito legal, a gente programando as aulas do nado de crawl, de costas, primeiros contatos com a água. Negócios que assim, eu

lembrei vivendo isso, eu aprendendo a sincronizar a braçada com a outra braçada, com a pernada, com a respiração. Que se você parar pra pensar, friamente, é um negócio extremamente complexo. Qualquer um dos nados é um negócio bem complicado. Eu lembro de parar pra pensar como eu aprendi isso. Não tenho a memória clara de como eu aprendi os nados, por exemplo, mas eu lembro muito de ter dificuldade em algumas partes, de ter que ficar semanas pra refinar no ponto adequado determinado nado. Eu me lembro de ter escolhido pra tentar fazer o nado de peito e enfim, na faculdade, é um negócio que acaba te influenciando. Você fica mais empolgado porque você viveu aquilo... Por outro lado as coisas que você não viveu a empolgação é outra, a empolgação por novidade, por experimentar alguma coisa que você nunca viveu e que eu graças a deus me abri pra isso. Tem gente que fica meio tímido e tal, eu não. Ginástica, beleza. Capotar no colchão, capota, mas você ta tentando e eu acho isso muito legal.

4)Quais foram os maiores desafios enfrentados por você no início da sua carreira como docente de Educação Física na escola?

Nós vamos conversar agora... Isso é uma coisa tensa. A gente falou muito da prática aqui, do jeito que a gente ta falando parece que eu não tenho nenhuma teoria envolvida no processo. Ou então que essas duas coisas estão dissociadas. A gente acaba estudando muita coisa aqui e entendendo muitos processos, do porque as coisas acontecem de determinada forma, ganhando instrumentos e ferramentas, capacidades e habilidades de criar mecanismos diferentes pra trabalhar determinadas coisas. Determinada faixa etária, determinado conteúdo, determinada realidade, com determinado número de alunos, enfim. Como toda atividade humana, um milhão de variáveis. E por mais que você faça estágio, por mais que você faça algumas aulas, igual eu falei, dando aula mesmo, quando você chega pra valer não tem o Zé Alfredo pra olhar sua aula e falar que isso foi bom, que isso você vacilou e tal. Então bate uma insegurança muito grande. Eu formei e logo depois que eu formei tive uma proposta de emprego no Libertas. Que me deu até um susto e uma proposta diferente do habitual, que foi até uma coisa muito legal, que era trabalhar em dupla. Então era eu e outra professora

responsável pelas aulas de cada turma na escola, do quinto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Ou seja, peguei uma gama de faixa etária gigantesca, uma realidade muito interessante. Vou ser breve, mas a escola tinha uma proposta alternativa ao que a maioria das escolas em Belo Horizonte e até mesmo eu posso dizer no Brasil tem. Era uma proposta que tentava galgar partes do construtivismo, tinha o Zé Pacheco da Escola da Ponte como consultor da escola. Então assim foi chegar lá e tomar tapa de qualquer lado. E é uma escola que, o público é principalmente de uma classe B, A... De filho de artista, da galera da música, enfim... É a galera um pouco alternativa, não tão a ver comigo, por exemplo. Mas, tudo isso e o fato de ser uma primeira experiência geravam um desespero no início. Como é que eu vou lidar com isso? Como eu disse, tinha uma pessoa que era a dupla... A Ana Paula que também formou aqui e tinha experiência muito grande com ginástica e com dança, que era uma área justamente que eu não tinha experiência tão grande, estava desenvolvendo essa experiência, principalmente com a dança. E foi um negócio fenomenal. A gente tinha personalidades diferentes, mas a visão de Educação Física e onde a gente queria chegar era muito parecido. Então foi um trabalho de parceria que um aprendeu muito com o outro. Foi muito bom, pra mim, como início de carreira. Eu tive a possibilidade de discutir muitas coisas, de debater, de perguntar por que sim, por que não, e vamos construir isso juntos. E ela com mais tempo de formada, ela formou uns cinco anos antes de mim e já trabalhava. Então ela trazia uma série de experiências de docência mesmo que eram legais. Então isso me ajudou bastante assim, foi uma benção de verdade, ter podido começar assim... Uma escola com uma lógica tão interessante, essa lógica do construtivismo, que é algo que a gente vê pouco na faculdade, mesmo em didática e pedagogia, a gente vê muito pouco e que eu tive a oportunidade de estudar um pouco mais, de estar com o Zé Pacheco que é uma referência mundial nesse tema, e ta podendo ter uma pessoa pra estar sempre discutindo, e tentando melhorar e com liberdade pra criar. Isso eu acho que foi o mais interessante. Porque a escola, é uma escola recém-criada, não tinha uma grade de Educação Física. Então, tinha o projeto político pedagógico, que era um projeto fenomenal, escrito pela professora Estaquia... Lindo! Mas que não era posto na prática até então. E que tinha tudo a ver com o que eu acreditava e que a gente vê na faculdade, a maioria dos

professores da licenciatura, que a Ana Paula acreditava. Então, a gente tinha carta branca. Então deu pra experimentar muita coisa. Eu fiz *Curling* na escola. Como assim alguém faz *Curling* na escola? Eu levei os meninos pra escalar, fizemos festival de pipa, porque a escola fica do lado do Parque das Mangabeiras e da Praça do Papa... Festival de pipa, então rolou assim... Um mundo de coisas onde a gente construiu juntos muitas vezes, algumas vezes eu assumi mais a frente porque eu dominava, por exemplo, o futebol, dominava mais do que ela. Algumas eu aprendi muito com ela. Ela é do Sarandeiros, então trazia várias coisas de dança que eu ficava doido. Então assim, foi um processo de construção que eu tenho muita saudade. Uma pena que eu fiquei só dois anos, nós dois saímos no fim do ano passado, 2011. Mas que eu acho como começo de carreira, foi muita sorte, eu diria. Me permitiu explorar várias coisas que eu tinha vontade de explorar, por exemplo dessas coisas que eu tinha assistido que eu falei, coisas que eu tinha vivido no meu próprio corpo aqui na faculdade ou antes e com uma certa liberdade, com a possibilidade de discutir com alguém, isso foi muito bom. Muito bom mesmo. Em 2011 eu fui chamado no concurso da prefeitura de Belo Horizonte e entrei no IMACO, de julho pra agosto. E durante quatro a cinco meses, eu dei aulas nos dois lugares ao mesmo tempo, mais o mestrado. Foi um caos na minha vida. E aí são duas realidades completamente distintas. Uma classe A, B de uma escola privada, público já de classe C e as vezes até D, escola pública. Como isso foi rico também pra mim. De você chegar com uma proposta de um lugar e um tempo depois chegar com uma proposta de outro lugar, como é que as reações são totalmente diferentes. E aí, eu acho que foram meses que eu deixei até o meu mestrado meio de lado, estou atrasado até hoje. Eu pensei que era muito rico pra eu ficar, não que o mestrado não seja importante, pra eu dar atenção pra isso nesse momento para o mestrado. Foi assim, um tempo muito interessante. E nesse sentido acho que foi denovo uma sorte ter essas duas realidades para dialogar sempre ao mesmo tempo. E também faixa etária diferente, porque eu comecei na prefeitura ano passado dando aula pro primeiro ciclo, então eu pegava meninos de segundo, terceiro e quarto ano no máximo, os pequenininhos. E no outro eu dava aula pros meninos do ensino médio. E é muito interessante, eu sempre gostei de criança, eu acho que isso é legal também. Como é que a gente nesse processo da nossa vida a

gente desenvolve algumas coisas. Dialogo bem com os adolescentes, não tenho problema nenhum, com os jovens, mas apaixonado com crianças e como elas vem com um olhar ainda não viciado, sobre essas várias práticas, como eu disse. Pra elas, até o futebol fica mais interessante do que pros meninos mais velhos, porque tem esse problema de “Já sei de tudo”. Os meninos não, só sabem que é futebol: pé, bola... Beleza... Tem um gol... Beleza... Tem tanta coisa bacana pra trabalhar com esses meninos. Então assim, foi riquíssimo e era uma escola carente de Educação Física, continua sendo, de uma Educação Física que contemplasse todos os conteúdos possíveis. É um trabalho de formiguinha que eu estou fazendo. Agora mudei o foco, estou trabalhando com o segundo e o terceiro ciclo esse ano no IMACO e só no IMACO e estou pegando quinta, sexto e nono ano. Está bem rico também, estou conseguindo dialogar com muita coisa, até aula de forró eu dei. Dentro da faculdade eu me encantei com o forró, fiz aula de forró. Interessante como é que na seleção de conteúdos, como não tem... A prefeitura tem os parâmetros curriculares, meio que estão incluídos os grandes conteúdos: ginásticas, lutas, jogos e brincadeiras, esportes, danças... Mas não tem assim, no quinto ano você tem que fazer isso... Ta meio que assim, no subjetivo do que eu e os alunos estamos selecionando. E é muito curioso como a gente traz isso e acho que a sua pesquisa pode ser muito interessante para ilustrar um pouco esse processo. A gente traz as vivências nossas pra essa seleção, é extremamente subjetiva. Eu escolhi forró, não escolhi samba, porque eu tentei dançar samba e não consegui de uma maneira tão bacana quanto o forró que me trouxe várias experiências legais. Mas quero fazer samba com os meninos também. Mas e o medo e a falta do domínio tão grande... É complicado. Exceção feita ao futebol, como eu te disse, por mais que eu me ache com um domínio muito bacana do negócio, ainda assim, gera um stress e um movimento muito difícil nas aulas.

5) Você acha que suas experiências com a prática corporal lhe ajudaram no início da sua carreira como professor de Educação Física? Essas experiências influenciaram a sua prática? De que forma?

É curioso isso, porque... Não me iludi, não. Porque os três anos que eu passei na extensão do Gefut, a dificuldade era semanal... A gente inventava... Nesse ponto, o Luizinho foi um cara que foi muito parceiro. E o Luizinho é um dos “Pé de Cachorro”, então ele tinha essa lógica do vamos arriscar. Eu às vezes ficava até assustado, isso vai dar errado. Mas as vezes dava errado e as vezes dava certo. Foram coisas assim, heroicas, míticas, lendárias. E rolaram fracassos também que... Eu acho que a gente do Gefut e é até uma coisa que eu tenho que correr atrás, tem condição de escrever um livro sobre metodologia de futebol, tranquilamente. Agora mesmo sendo capaz de eu mesmo capitaniar a escrita desse livro, chega na hora H, dependendo de várias circunstâncias e dependendo da sensibilidade do professor, do profissional, de muitas coisas, gera alguma dificuldade, gera alguns atritos, gera algumas divisões, alguns rachas na turma que é difícil e que outras atividades mais, menos populares que o futebol não geram. Eu não vou falar que futebol é uma experiência negativa não. Eu continuo insistindo, continuo gostando e continuo insistindo que eu tenho muito a contribuir nesse processo de relação com futebol que os meus alunos tem em geral. Assim como eles tem a contribuir para a minha visão disso tudo também. Cada turma e cada aluno me traz uma nova visão sobre isso. Então tinha um menino, por exemplo, semana passada aconteceu isso. Fui jogar futebol com os meninos na Praça da Liberdade, futebol de rua, a praça fica muito perto do IMACO e eu aproveito o espaço. O menino chorou para não participar das aulas de futebol e participava de todas as aulas de boa. Ele é muito tímido e ficou até meio sem graça de pedir para não jogar. Ele foi para um canto e depois eu fui perguntar pra ele “Por que você não vai participar?” E o menino estava escorrendo lágrima do olho. “Não professor, não vou”. Eu tentei conversar com ele, no dia, depois no outro dia com mais calma e tal. Aí eu fui descobrir que ele é um atleta do Minas, de alto rendimento do vôlei, ele não deixou explícito mais ele deve ter muito medo de machucar e o futebol é uma das coisas que cria essa possibilidade. Então é assim, tem um milhão de variáveis e cada caso é um caso. Mas as experiências, pra mim é assim, e isso a gente tem que tentar até de certa forma controlar. Porque por mais que seja positivo, que acho que é muito mais legítimo, honesto, verdadeiro... Você trabalhar com seus alunos algo que você mesmo conseguiu vivenciar com seu corpo, não que você não possa fazer isso sem ter vivenciado, a

gente é formado pra trabalhar com todos os conteúdos mesmo que a gente não tenho sido atleta de nada. Mas eu acho que isso traz uma legitimidade para os alunos e sua própria relação com eles, que é muito mais bacana com algo que você não praticou, não domina de maneira tão intensa. O que não impede você de tentar de maneira nenhuma e eu acho que você tem a obrigação de tentar. A gente tem um universo que é gigantesco de possibilidades de trabalho na Educação Física, que a gente tem um problema muito sério, não estou aqui defendendo essa coisa de currículo unificado nem nada, mas como esse currículo unificado não existe e muitas vezes ficam a critério dos professores, acaba que essa subjetividade dos professores entra sempre em cena. Isso é bom, de um certo lado como eu disse, porque eu acho que traz mais legitimidade, traz até mais vida pra aula. Uma coisa é um professor que vai dar aula de taekwondo, e chuta um metro acima da cabeça dele, dá trezentos golpes... Os meninos endoidam... Eles veem como exemplo alguém que fez e vai ensinar eles a bater. Outra é o cara que fez aulas de lutas aqui e não teve essa vivência do taekwondo. Ele vai ter as metodologias e tal, mas a relação talvez não seja de tanta identidade assim a princípio. Mas ao mesmo tempo você não tem que se furtar de dar essa disciplina, mesmo que você não tenha vivido elas. E aí, nesse processo de formação continuada, eu busco não só estar por dentro da academia e ler livros, artigos, conversar com pessoas da área, mas também busco todo ano fazer pelo menos uma coisa diferente. Então ano passado eu comecei a escalada, investi muito na escalada, consegui colocar em prática aulas de escalada que foi fenomenal, experiência muito legal para muitos dos meus alunos que talvez não tivesse essa oportunidade e esse ano eu queria entrar numa luta, mas tá muito difícil. Eu machuquei a mão dando aula de luta na escola e estou meio parado até da escalada. Mas estou investindo no *slack line*, por exemplo. Comprei um *slack line* pra mim, nas aulas de circo que rolou no IMACO foi muito legal o *slack line*. É uma coisa que pra mim é uma busca, para além da formação acadêmica continuada, acho que o professor de Educação Física tem a obrigação de tentar continuamente, colocar o seu corpo em novas situações, em novas experiências, pra poder estar cada dia mais qualificado pra trabalhar isso. Eu acho que pré escola de Educação Física, minhas vivências foram muito limitadas corporalmente. Dentro daquilo que eu propus a fazer, eu tive vivências ricas. No

basquete foram muito ricas, natação e futebol muito ricas. Mas dentro do universo de práticas possíveis, eu hoje vejo que fui muito limitado. Eu hoje vejo que se tivesse um filho eu não ia fazer como meu pai e minha mãe fizeram, colocar em um esporte ou outro não. Você vai fazer esporte, vai fazer dança, vamos entrar uma dança pra você ver o que você acha, fazer ginástica, circo... Acho que vai ser uma coisa muito doida, vai ser mais rico.

6) Você entende que tem mais ou menos facilidade para ensinar o conteúdo na escola por conta da sua trajetória de contato com essa prática corporal? Por quê?

A questão é a seguinte: as três coisas que eu pratiquei principalmente, são três coisas relativamente populares. O futebol, sem dúvida. O basquete também tem uma prática mais extensiva nas aulas de Educação Física e natação seja por vias oficiais, ou seja, por vias extra oficiais, acaba que todo mundo de uma forma nada. Todo mundo não, mas muita gente nada. O que isso gera? Gera exatamente isso que eu falei, o sentimento de já ter se apropriado desses conteúdos, o que não é motivo. Muito legal os conhecimentos que os alunos trazem, as experiências deles. O futebol, por exemplo, os meninos trazem coisas muito legais, do jogo de rua, de até expressões que eles tem de alguns dribles, de algumas coisas que pra mim chama outra coisa. Do próprio vídeo game, no mundo virtual a gente tem muita dificuldade de trabalhar com o mundo virtual. E é um universo tão rico que eles trazem, falam do “*FIFA Street*,” do FIFA não sei o que, e dos times do exterior e a gente acaba muitas vezes não dialogando com isso, as vezes por preguiça, as vezes por não saber como... Nesse conteúdo eles já trazem muita coisa formada e talvez o desafio seja quebrar pré-conceitos gerados em relação a isso. O que eu estou chamando de pré-conceito é no sentido de conceitos enraizados que podem ser ampliados, que não estão errados necessariamente, mas que podem ser ampliados. E isso é mais difícil que apresentar, por exemplo, algo novo. Nesse sentido eu acho que as minhas experiências por ser em algo mais popular, gera uma certa dificuldade de ampliar o horizonte. Exemplo, quando eu levei o *slack line* no IMACO, aula de circo sobre corda bamba, ninguém tinha brincado de *slack line*. Eu dei *slack line* em sete turmas, ninguém tinha

pisado no *slack line*. Então o material em si... Eu não precisava saber nada de *slack line*. Se eu soubesse colocar o *slack line*, puxar ele de uma pilastra a outra, o material em si já faria a aula interessante pros meninos. Já seria um aprendizado andar em um negócio que tem cinco centímetros que balança, que sobe e desce e que você cai no chão. E na aula de *slack line*, os meninos ficam da forma mais interessantes. Agora, você vai me perguntar se eu sou especialista em *slack line*? Não... Eu amo, estou treinando, ensaiando algumas coisas... Agora apresentar um conteúdo novo, uma experiência nova para os meninos, desde que você consiga vencer a resistência inicial, que eu acho que é o grande segredo, é muito mais tranquilo do que pegar algo que eles já tem consolidado, como algo que eu sei ou pelo menos que eu sei alguma coisa e tentar ampliar. É o que eu te falei: se é algo que eu sei e que eles não conhecem fica muito mais fácil do que eu sei, eles conhecem e acreditam que sabem... E sabem mesmo, eles trazem muita coisa. O desafio é confrontar esses dois conhecimentos, o que o professor traz e o que os alunos trazem e eventualmente o que a gente vai pesquisar juntos em outro lugar, enfim, buscar em outras fontes pra construção e ampliação de algo novo, de algo diferente que vai surgir disso tudo. E aí tanto o basquete, quanto a natação e o futebol é essa realidade que eu me deparo na maioria das vezes. Agora, para as outras coisas, dei o exemplo do *slack line*, dei o exemplo da escalada, poderia dar exemplo do próprio forró. A reação dos alunos não é “eu sei”, é “o que é isso?”. Então isso gera uma curiosidade natural, acho que é uma coisa do ser humano e muito do ser humano na idade de mais precoce, dessa curiosidade pelo diferente. E quando você traz esse diferente, por si só ele já gera esse movimento. Poucos vão falar “eu já sei disso”, alguns vão ter a resistência de falar “eu não conheço, eu não vou fazer, esse trem é ruim, machuca, não machuca”... Você tem que criar um ambiente de aprendizagem para aquilo, para que a experiência seja o mais positiva possível, a mais construtiva possível. O que eu tentei. O *slack line* trabalha não só o equilíbrio do corpo, mas com a própria confiança do seu corpo no corpo do outro, porque ninguém andou a princípio sozinho. Tinha sempre alguém fazendo a segurança de quem estava em cima da fita, dando a mão, evitando que a pessoa caísse. E o próprio ato de confiar na outra pessoa, confiar o seu corpo no que a outra pessoa vai fazer ou deixar de fazer é uma experiência intrigante. Pra muitos alunos isso é muito difícil.

Quando os meninos chegavam pra aula de *slack line* acontecia isso, de sentar, de ficar balançando sentado e depois que eles viam a possibilidade de andar. Mas eu não excluía as possibilidades deles também. Essa questão de confiar no outro é muito legal e muitas vezes eles não percebem isso em outra atividade, mas no *slack line* fica claro. Tinha gente que não confiava em ninguém, só em mim... Se não fosse o professor, imagina “o professor não vai fazer sacanagem comigo, agora o meu colega eu não sei.” Mas é algo que vai sendo trabalhado. É nesse sentido que eu acho que os dois são desafios diferentes. Vamos colocar dois eixos aqui: coisas que eu vivi, coisas que eu não vivi. E no outro eixo: coisas que os meninos viveram, coisas que os meninos não viveram. Então a gente teria quatro combinações possíveis, vamos colocar assim. Coisas que eu vivi e os meninos viveram: gera um atrito porque rola aquela questão “eu também sei disso”, “se você não sabe eu sei”, “eu faço isso”. Mas é um processo muito rico e o futebol entra nisso, o basquete em vários casos também. Mas é uma aula difícil, é uma aula tensa, uma aula que tem que ser muito negociada. Em geral, gera divisões na turma, porque cada um tem uma experiência... Todos tem experiência com o futebol em geral, mesmo que a experiência seja a falta de experiência por trauma, mas todos eles têm alguma coisa. Ai dentro dessa combinação tem aquilo que eu vivi e que eles não viveram: isso gera uma aula que muitas vezes é rica, mas também tem que ser trabalhada para que gera uma experiência construtiva, porque senão pode traumatizar os meninos. É o caso do *slack line* por exemplo. Você traz uma coisa que pra eles é completamente nova, mas que pra você professor não. E eu já vivi isso. E gera repercussões muito doidas. Depois das aulas de *slack line* teve gente me pedindo contato onde que eu compro *slack line*. Teve uma menina que falou “Professor, eu sempre passava em frente a praça e todo dia tinha andando lá eu nunca tive coragem, ontem eu fui lá e andei.” Uma fala dessas pra mim vale todo o investimento daquele conteúdo de qualquer coisa. Quando a gente fez bolinhas de malabares, você não tem noção da cara dos meninos. Teve uma menina que virou fabricante de bolinha de malabares. Ela tá fazendo pra vender. Eu ensinei eles a fazer com painço e balão. Ela ficou tão empolgada que ela chegou do dia seguinte falou: “Professor, eu to combinando com minha avó, nós vamos comprar balão e painço pra vender, o que você acha? Da pra fazer pra vender?” E eu falei: “Claro que dá você já aprendeu a fazer e tal,

quanto você vai cobrar?” Ela calculou o valor da bolinha e a última notícia que eu tive foi que ela já tinha vendido dois conjuntos de três bolinhas, achei muito legal isso. Aí é uma realidade que poucos tinham dialogado, estava dentro do circo. Essa aula tem as suas tensões, mas são tensões completamente diferentes desse outro tipo. E aí tem o conteúdo que o professor tem que estar preparado pra dar, mas nunca vivenciou. E que o aluno vivenciou. Esse é um pouco mais raro, mas que também acontece. Por exemplo, o próximo módulo de dança vai ser funk, algo que eu não exatamente sou fã e não tenho uma vivência muito grande, mas vários meninos têm. Toca funk o dia inteiro no celular desses meninos na escola, como se dá essa construção. Eu ainda não pensei como vai ser isso... Será que eu trago alguém de fora pra me ajudar? Será que eu vou conseguir esse diálogo? Também é uma construção muito tensa. E tem aquele que nem eu vivenciei, nem os meninos vivenciaram. *Curling*, por exemplo. Eu vivenciei de olhar, de ver o jogo acontecer. Tinha meninos que também tinha visto o jogo acontecer. E aí é muito rico. Essa é muito rica mesmo. Rola uma aprendizagem coletiva que inclui o próprio professor nessa aprendizagem. Na aula de *curling*? Quem construiu o campo fui eu, eu e a Ana Paula que estava trabalhando comigo no Libertas. Mas a construção das regras, a adaptação das regras, a pesquisa que foi feita, foi toda coletiva. A gente ia pra informática, ia pros livros... Como é que a gente vai fazer pra adaptar regra, como é que a gente vai fazer pra não machucar aqui... É lona, em cima da quadra com cimento duro, com sabão e água, como é que a gente vai criar. Foi um negócio muito legal de terminar. Teve gente que boicotou. Mas é uma realidade diferente e teve muita gente que achou doido, que veio falar que viu na televisão... Gera um envolvimento. Então acho que essas quatro possibilidades geram estilos de aula ou diálogos na aula muito diferentes. E aí nesse sentido, as três práticas que eu tive mais intensamente, todas elas entram no diálogo de alguma forma com os meninos que também fizeram. Então ao mesmo tempo que facilita, gera essas dificuldades que eu te falei, um conflito que não é ruim, definitivamente, é uma aula que é um pouco mais difícil, mais tensa de ser trabalhada. Mas com certeza ajuda. Eu acho que seria melhor, é muito melhor do que se eu tivesse zero de experiência de futebol, não tivesse no Gefut nunca, não tivesse ficado três anos testando um monte de aulas de futebol. Eu trago algumas coisas que os meninos

nem tem ideia. Qual é o pensamento que eles têm de futebol... “Futebol é jogar, só. Tem que ter dois gols, um do lado, o outro do outro, tem que ter a bola e nós temos que fazer gol. Se não tiver isso, não é futebol.” É só isso que vocês conhecem de futebol? Aí eles trazem alguma coisa, de drible, de coisas virtuais, de time. E a história do futebol? Como é que surge o futebol? Eu gosto muito, é uma das minhas aulas preferidas, funciona com todas as turmas... É pegar práticas na história da humanidade que tinham a ver com o pé na bola e dá pra você fazer duas semanas de aula só reproduzindo e reconstruindo essas práticas contando a história do futebol. A princípio, os meninos principalmente ficam loucos. E aí com esse processo de construção a gente chega no futebol por um caminho que eu vou chamar de natural, mas que de natural não tem nada, e eles entendem todo esse processo até o futebol virar futebol. E faz muito mais sentido e até eles conseguem reconhecer e se divertir em vários desses processos vendo o futebol de uma maneira diferente... Com certeza ajuda sim. Se eu pudesse ter praticado tudo de movimento que o ser humano já criou na história antes de dar aula, ia achar muito doido, mas acho que teria uns noventa anos tentando praticar as coisas.

7) Você se utiliza de experiências que viveu anteriormente relacionado as suas experiências nas aulas que você ministra? Como isso acontece?

Isso é legal e fica muito clara essa diferenciação. O fato de eu ter tido experiência, por exemplo, com treino de basquete e futsal deixaram marcas pro meu corpo que até pra planejar uma aula que vise o desenvolvimento de algumas habilidades técnicas, por exemplo, naquele esporte, é muito mais fácil pra mim do que o vôlei. O vôlei eu não tive experiência. Então eu tenho que voltar no que eu estudei em ensino de vôlei, conversar com alguém que joga vôlei, aí você tem que estudar muita mais. Não que o outro você reproduza, mas você teve uma vivência, você sabe o que é bom o que não é, o que te ajudou, junto o que você fez na faculdade... Associar isso fica muito mais fácil. Eu dei o exemplo do vôlei, porque pra mim é o crítico, desses quatro esportes, que em geral a escola trabalha não que eu esteja limitando a escola a isso, mas o vôlei certamente foi o que eu tive menos vivência corporal e que certamente pra montar uma aula, pra

mim é o mais difícil, pra montar um cronograma de aula de vôlei... As vezes a sala tem um jogador de vôlei, você pode trocar ideia com ele. Então tem duas meninas, que elas até saíram do IMACO que fazem ginástica artística no Minas. Então quando eu for dar o conteúdo de ginástica artística, eu não tenho a menor dúvida, já avisei pra elas e perguntei se elas topavam a me ajudar com algumas coisas, de coisas do treinamento delas que pode ajudar, que a gente pode discutir. Eu tenho certeza que vai ser de grande utilidade. As aulas em que essas duas estiverem vão ser aulas mais ricas do que as aulas que elas não estiverem. Mas acaba que você tem que se virar, não tem jeito. Por mais que você consiga realizar o movimento com excelência e nem sempre é esse movimento que você quer naquele momento. Acho que os meninos têm direito a aprender a técnica que é normalmente conhecida como a mais adequada, mais eficiente. Eles têm total direito, mas não tem nenhuma obrigação de só conhecer aquela e de só fazer aquela. Então muitas vezes o menino arremessa para a cesta de uma maneira bem diferente do padrão que a gente tá usando, mas arremessa assim, de baixo pra cima e faz cinquenta por cento dos arremessos em determinada distância... Eu vou falar que ele está errado? Eu vou falar com ele simplesmente o seguinte: "Vem cá, olha só. Esse menino é do seu tamanho. Marcar ele aqui quando ele for arremessar desse jeito. Aí ele vai arremessar e vai ver que jogando a bola de baixo pra cima, o outro menino vai levantar o braço e vai bater na bola antes dela chegar na cesta. Não tem problema nenhum você arremessar assim, só que quando tiver alguém tiver na sua frente você vai ter mais dificuldade de chegar na cesta. O ideal é você tentar arremessar ou pelo menos aprender também a arremessar com essa mão mais no alto". E aí o menino começa a tentar, e a coisa vai fluindo. Eu to dando o exemplo do basquete, por quê? Justamente porque eu vivi isso e eu conheço algumas sutilezas da prática que pra mim faz total sentido. No vôlei, talvez eu tivesse muita dificuldade, de perceber, por exemplo, que o menino que atacou fez a passada errada. Eu teria que ter uma sensibilidade muito diferente ali pra perceber isso. Coisa que eu teria que estudar, ver denovo, que não é tão simples. Por isso que eu te falei, é uma busca que eu tenho constante de tentar praticar coisas com meu próprio corpo, porque isso eu acho que me ajuda aliado aos conhecimentos técnicos, teóricos

que a gente passou na faculdade e continua estudando. Isso me ajudaria muito e esse processo, acho que seria rico.